



Thais Alves Ferreira Costa

**A escolha do rei das árvores:**

Projeto gráfico editorial de livro ilustrado com temática bíblica.

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Design do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Design.  
Orientador: Prof. Israel de Alcântara Braglia, Dr.  
Coorientador: Helouíse Hellen de Godoi Viola, Me.

Florianópolis  
2021



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Costa, Thais Alves Ferreira

A escolha do rei das árvores: : Projeto gráfico editorial de livro ilustrado com temática bíblica / Thais Alves Ferreira Costa ; orientador, Israel de Alcântara Bráglia, coorientador, Helouíse Hellen de Godoi Viola, 2021.

114 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Design, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Design. 2. Design Gráfico . 3. Design Editorial. 4. Livro Ilustrado. 5. Bíblico. I. Bráglia, Israel de Alcântara . II. Viola, Helouíse Hellen de Godoi . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Design. IV. Título.

Thais Alves Ferreira Costa

**Projeto gráfico editorial de livro ilustrado com temática bíblica**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Design e aprovado em sua forma final e aprovado em sua forma final pelo Curso de Design da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 17 de setembro de 2021.

Profª. Mary Vonni Meurer, Dra. Coordenadora do Curso de Design UFSC

**Banca Examinadora:**

Prof. Israel Alcântara Brágia, Dr. Orientador (UFSC)

Helouíse Hellen de Godoi Viola, Me. Coorientadora (UFSC)

Prof. Luciano Patrício Souza de Castro, Dr. (UFSC)

Prof. Mary Vonni Meurer de Lima, Dra. (UFSC)



Documento assinado digitalmente

Israel de Alcântara Brágia

Data: 28/09/2021 15:36:08 -0300

CPF: 049.514.329-43

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Prof. Israel Alcântara Brágia

Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina





***Para todos os Voluntários que se  
dedicam ao Ministério Infantil.***



# AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me sustentado em todo este processo. Também aos meus pais que nunca mediram esforços para me apoiar na realização deste sonho. Ao meu marido, por todo amor e companheirismos, auxiliando-me nos melhores e piores momento, tornando esta trajetória mais leve e gratificante.

Agradeço também ao professor Israel Alcântara Braglia e a Helouíse Hellen de Godoi Viola que além de me orientaram neste projeto acreditaram nele desde o início. Ao corpo docente da UFSC e todos os colaboradores.

Gostaria também de demonstrar minha gratidão ao professor Luciano de Castro com quem realizei meu primeiro estágio em design no SEAD, o que conseqüentemente levou a encontrar minha vocação no design editorial. Também sou grata à professora Mary Vonni que me proporcionou um maior contato com o mundo das tipografia, ensinando-me a valorizá-la.

Por fim, sou grata ao ministério infantil e as vivências como voluntária, que se tornaram significativas em minha formação acadêmica e pessoal.





## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso trata do desenvolvimento gráfico-editorial de um livro ilustrado infantil com temática bíblica. O projeto vem de encontro à carência de materiais de ensino bíblico infantil que apresentem outras histórias para além daquelas amplamente conhecidas, como: Davi e Golias, Moisés e o Mar Vermelho, Sansão e Dalila, entre outras. A partir dessas premissas foi selecionada a passagem bíblica de Juízes capítulo 9 como texto base para a construção da história, passagem esta que apresenta a parábola contada por Jotão e que tem como tema a escolha do rei das árvores. O processo projetual utilizado foi o de Bruce Archer (1965) aliado a metodologia de estruturação de projetos gráficos de Cvtró e Perassi (2018), além do uso de outras ferramentas de design para identificar e definir público, desenvolver elementos gráficos, analisar produtos semelhantes entre outras atividades inerentes ao projeto. Como resultado o trabalho mostra a história de Juízes 9 com linguagem adaptada ao público infantil apresentada em um livro ilustrado no formato impresso.

**Palavras-chave:** Design Gráfico, Design Editorial, Livro Ilustrado, Bíblico, Árvores.

## ABSTRACT

This course completion work deals with the graphic and editorial development of a children's illustrated book with a biblical theme. The project meets the need for children's Bible teaching materials that present other stories besides those widely known, such as: David and Goliath, Moses and the Red Sea, Samson and Delilah, among others. Based on these premises, the biblical passage from Judges chapter 9 was selected as the base text for the construction of the story, a passage that presents the parable told by Jotham and has as its theme the choice of the king of the trees. The design process used was Bruce Archer's (1965) allied to Castro and Perassi's (2018) methodology of structuring graphic projects, in addition to the use of other design tools to identify and define audience, develop graphic elements, analyze similar products among other activities inherent to the project. As a result, the work shows the story of Judges 9 with language adapted to the children's audience presented in an illustrated book in printed format.

**Keywords:** Graphic Design, Editorial Design, Illustrated Book, Biblical, Trees.



# LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Resumo visual das etapas da metodologia de Bruce Archer.....	20
Figura 2– Metodologia Adaptada de Bruce Archer.....	23
Figura 3 - Imagem da Bíblia de Gutemberg que esta exposta na [...]	27
Figura 4 - Obra de Jean La Fontaine, edição de fábulas escolhidas [...]	28
Figura 5 – Imagens da obra Contes du temps passé (Contos de fadas [...])	29
Figura 6 - Frontispício de Songs of Innocence de Willian Blake.....	30
Figura 7 - Imagens dos livros ilustrados de Randolph Caldecott.....	32
Figura 8 - Ilustrações de Sir John Tenniel’s para Alice no País da [...]	33
Figura 9 - Imagem do livro Histórias da Avósinha de Alberto Figueiredo.....	35
Figura 10 - História da Avósinha (1936) - Ilustrações de Julião Machado.....	36
Figura 11 - Imagem do livro A Menina do Narizinho Arrebitado de [...]	37
Figura 12 - Tipos de livros infantis de Jorge Teixeira (2019).....	39
Figura 13 - Hagadá das Cabeças de Pássaros.....	42
Figura 14 - Livro das Horas desenvolvido na oficina de Geoffroy Tory [...]	43
Figura 15 - Relação de obras literárias infantis relevantes com viés [...]	44
Figura 16 - Curiosa Bíblia hieroglífica desenvolvidapor Isaiah Thomas [...]	45
Figura 17 - Dois exemplares de produtos do personagem Smilinguido.....	47
Figura 18 - Classificação do leitor infantil de Jorge Teixeira (2019),.....	51
Figura 19 - Diferenciação entre caracteres infantis e adultos.....	53
Figura 20 - Exemplo da falta de diferenciação entre caracteres infantis.....	54
Figura 21 - Principais tipos de diagramas.....	56
Figura 22 - 4 maneiras de diagramação de material infantil.....	57
Figura 23 - Classificação do Livro Betinho: amor em forma de criança.....	61
Figura 24 - Ilustrações de Monge Lua para o livro Betinho: amor em [...]	62
Figura 25 - Diagramação do livro Betinho: amor em forma de criança.....	62
Figura 26 - Imagens para colorir do livro Betinho: amor em forma de criança.....	63
Figura 27 - Classificação do livro Travesseiro Travesso.....	63
Figura 28 - Ilustrações de Vanessa Prezoto do livro Travesseiro Travesso.....	64
Figura 29 - Variação de estilo do livro Travesseiro Travesso.....	64
Figura 30 - Variações da diagramação do livro travesseiro travesso.....	65
Figura 31 - Classificação do livro Leo e a baleia. ....	65
Figura 32 - Ilustrações de Benji Davies para o livro Leo e a Baleia.....	66
Figura 33 - Variações de diagramação do livro Leo e a Baleia.....	66
Figura 34 - Páginas com baixa legibilidade do livro Leo e a Baleia.....	67
Figura 35 - Lista de requisitos da publicação.....	68
<b>Figura 36</b> - Processo de Brainstorming e desenvolvimento de Painel [...]	69



<b>Figura 37</b> - Metodologia de estruturação desenvolvida por Castro [...]	71
<b>Figura 38</b> - representação do tamanho de página sobre o papel BB	72
<b>Figura 39</b> - Pré seleção inicial das fontes	72
<b>Figura 40</b> - Testes tipográficos	73
<b>Figura 41</b> - Processo de definição tipográfica por tabela	74
<b>Figura 42</b> - Fonte display escolhida	74
<b>Figura 43</b> - Testes tipográficos com variações de tamanho, peso e entrelinha	75
<b>Figura 44</b> - Tipografia escolhida para o texto	76
<b>Figura 45</b> - Resultado do redimensionamento de página a partir do módulo	77
<b>Figura 46</b> - Tipografia escolhida para o texto	79
<b>Figura 47</b> - Comprimento do alfabeto	79
<b>Figura 48</b> - Valores mínimos e máximos de largura de coluna	80
<b>Figura 49</b> - Representação dos diagramas definidos	81
<b>Figura 50</b> - Relação de uso dos elementos textuais	82
<b>Figura 51</b> - Painel de referência para a estética da publicação	83
<b>Figura 52</b> - Painel de desenvolvimento do Senhor Oliva	83
<b>Figura 53</b> - Painel de desenvolvimento do Espinheiro	84
<b>Figura 54</b> - Painel de desenvolvimento da dona Vide	84
<b>Figura 55</b> - Painel de desenvolvimento do seu Figueiredo	85
<b>Figura 56</b> - Painel de desenvolvimento das plantinhas	85
<b>Figura 57</b> - Espelho de publicação com Storyboard	86
<b>Figura 58</b> - Paleta cromática da publicação	87
<b>Figura 59</b> - Processo de diagramação sob Storyboard	89
<b>Figura 60</b> - Aplicação do recurso contorno de objeto	90
<b>Figura 61</b> - Aplicação dos diagramas no processo de diagramação	91
<b>Figura 62</b> - Pinceis utilizados no desenvolvimento das ilustrações	92
<b>Figura 63</b> - Processo de desenvolvimento das ilustrações	93
<b>Figura 64</b> - Resultado dos personagens após ajustes	94
<b>Figura 65</b> - Teste de impressão com diferentes tipos de papeis	95
<b>Figura 66</b> - Duas das ilustrações para colorir que foram incorporadas	96
<b>Figura 67</b> - Grafismos desenvolvidos	97
<b>Figura 68</b> - Processo de construção da padronagem	97
<b>Figura 69</b> - Processo de construção da arte do título	98
<b>Figura 70</b> - Paleta cromática final da publicação	98
<b>Figura 71</b> - Proposta final do título com aplicação das cores	99
<b>Figura 72</b> - Desenvolvimento da capa	100
<b>Figura 73</b> - Espelho final da publicação	101
<b>Figura 74</b> - Mockups da publicação 1	102
<b>Figura 75</b> - Mockups da publicação 2	103





# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
1.1. OBJETIVOS.....	18
<b>1.1.1 Objetivo geral.....</b>	<b>18</b>
<b>1.1.2 Objetivos específico.....</b>	<b>19</b>
1.2 JUSTIFICATIVA.....	19
1.3 METODOLOGIA.....	20
1.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	24
<b>2. FASE ANALÍTICA.....</b>	<b>26</b>
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	26
<b>2.1.1 Literatura infantil.....</b>	<b>26</b>
<i>2.1.1.1 Literatura infantil no Brasil.....</i>	<i>35</i>
<b>2.1.2 Literatura Bíblica.....</b>	<b>40</b>
<i>2.1.2.1 Livro de Juízes.....</i>	<i>48</i>
2.2 DEFINIÇÃO DO PÚBLICO-ALVO.....	50
<b>2.2.1 Orientações gráfico-editoriais para o público-alvo.....</b>	<b>52</b>
<i>2.2.1.1 Tipografia.....</i>	<i>52</i>
<i>2.2.1.2 Formato.....</i>	<i>54</i>
<i>2.2.1.3 Diagramação.....</i>	<i>55</i>
<i>2.2.1.4 Cor.....</i>	<i>58</i>
<i>2.2.1.5 Ilustrações.....</i>	<i>59</i>
2.3 AVALIAÇÃO EDITORIAL.....	61
<b>2.3.1 Análise de livros ilustrados infantis.....</b>	<b>61</b>
2.4 CONCEITO EDITORIAL E REQUISITOS PROJETOVAIS.....	67
<b>3. FASE CRIATIVA .....</b>	<b>71</b>
3.1 ESTRUTURAÇÃO GRÁFICA.....	71
<b>3.1.1. Predefinição da forma da página.....</b>	<b>71</b>
<b>3.1.2. Definição da tipografia.....</b>	<b>72</b>
<b>3.1.3. Estabelecimento da entrelinha.....</b>	<b>75</b>
<b>3.1.4. Determinação do módulo.....</b>	<b>76</b>



3.1.5. Dimensionamento da forma da página [..]	76
3.1.6. Representação do diagrama	78
3.2 DEFINIÇÃO DE ELEMENTOS GRÁFICOS	81
3.2.1 Elementos gráficos textuais	81
3.2.2 Definição de elementos gráficos não-textuais	82
3.2.2.1 Ilustrações	82
3.2.2.2 Paleta cromática da publicação	86
<b>4. FASE EXECUTIVA</b>	<b>89</b>
4.1 DIAGRAMAÇÃO	89
4.2 PROCESSO DE ILUSTRAÇÃO	92
4.3 TESTE DE IMPRESSÃO	94
4.4 FOLHAS PARA COLORIR E QR CODE	95
4.5 ARABESCOS E PADRONAGEM	96
4.6 TÍTULO E CAPA	97
4.7 DEFINIÇÃO DE ACABAMENTOS	100
4.8 PROTÓTIPO	102
4.9 ESPECIFICAÇÃO TÉCNICA	104
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>109</b>





## 1. INTRODUÇÃO

A literatura infantil surgiu em meados do século XVII, trazendo para o papel histórias e fábulas que eram contadas anteriormente apenas de modo oral para as crianças. Dentre estas histórias destacam-se os contos clássicos presentes no livro “*Contes de ma mère l’ou*” escrito em 1967 por Charles Perrault, sendo eles: “Mãe Gansa”, “O Barba Azul”, “A Gata Borralheira”, “O Gato de Botas”, entre outras.

Por mais incomum que pareça, a Revolução Industrial foi um dos fatores que mais influenciaram o romper dos livros infantis. Isso se deu pois, além dos avanços tecnológicos, tal Revolução alavancou a burguesia como classe social. Esse fato, somado à intervenção ideológica do Estado absolutista, consolidou a instituição da família e incentivou a ampliação da privacidade no cotidiano familiar, o que resultou no fortalecimento da afetividade entre pais e filhos da época. Assim, com a consolidação da família burguesa formou-se uma nova noção de infância (CUNHA, 2014), o que reestruturou o papel da criança na sociedade e gerou uma necessidade de desenvolver novos livros para instruí-las. Como também destaca Cunha (2014, p.35) “nesta ordem de ideias, a literatura infantil, que assinala seu início no fim do século XVII, com Perrault, firma-se somente no século XVIII, com o advento da burguesia”.

O surgimento dos livros infantis veio com esse objetivo “instruir as crianças a algo”, seja etiqueta, valores, princípios, dentre tantos muitos assuntos que fossem relevantes para os adultos. Com o tempo, percebeu-se que a utilização de imagens em conjunto com o conteúdo dos livros facilitava o aprendizado das crianças; e os avanços das tecnologias de impressão permitiram que mais elementos pudessem ser incluídos nos materiais editoriais, como os desenhos litográficos utilizados juntamente com a prensa tipográfica, o uso de clichês e o surgimento de diversos produtores artesanais de papeis.

Tais avanços foram de grande importância para o desenvolvimento do design editorial como um todo, proporcionando a elaboração de estratégias que facilitassem a compreensão do leitor, tornando a leitura cada vez mais prazerosa e descomplicada. No contexto dos livros infantis algumas orientações de design começaram a ser propagadas a fim de auxiliar a compreensão da criança, tais como: tamanho de fontes, dimensão das páginas, parágrafos curtos, o uso de cores, entre outras.

No Brasil, a temática bíblica é uma das que mais se destaca entre os livros infantis por se tratar de um país majoritariamente cristão. De acordo com pesquisa realizada pelo Datafolha no ano de 2020, 81% da população brasileira se considera pertencente



a uma denominação cristã. Por conta disso, o ensino bíblico para crianças sempre fora amplamente disseminado no país, seja através de catequeses ou de escolas dominicais, bíblicas, sabatinas ou de ensino bíblico.

Por conta desta alta estimativa de potenciais compradores, existe um extenso apanhado de livros ilustrados com temática bíblica no mercado editorial nacional lançados tanto por editoras denominadamente cristãs, como: Mundo cristão, Graça editorial e Editora SBN; quanto por editoras não cristãs, como: Troia Editora, Nova Fronteira e Todolivre. Entretanto, ao observar os materiais disponíveis no mercado, é possível perceber uma vasta repetição de histórias que são conhecidas até mesmo por não cristãos, tais como: Arca de Noé, Davi e Golias, Daniel na cova dos leões, entre outras. Essa saturação no mercado leva a crer que todas as histórias bíblicas já foram abordadas na perspectiva infantil, porém ainda há muito a ser explorado.

Ao observar o conjunto de livros presentes na Bíblia, encontram-se várias histórias promissoras ao público infantil que não foram abordadas em materiais editoriais para crianças. Essa lacuna torna-se uma oportunidade bastante favorável para o mercado editorial brasileiro, já que, segundo dados levantados pela pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil” de setembro de 2020, a Bíblia está em primeiro lugar dentre os gêneros mais lidos por estudantes do 1º a 5º ano, seguida por livros infantis, livros de contos e livros. Sendo assim, este trabalho tem como finalidade apresentar um conto relatado como forma de parábola presente no livro do antigo testamento de Juízes capítulo 9, no qual descreve a escolha de um rei para as árvores que pode ser entendida como uma figuração à decisão da vida real em diferentes circunstâncias. Para isso, um projeto editorial será aqui proposto e descrito neste documento.

Sendo assim, considerando o déficit de materiais infantis que retratem histórias pouco conhecidas da Bíblia, este trabalho apresenta o processo construtivo de um livro ilustrado infantil que tem como base o livro de Juízes capítulo 9, passagem esta que apresenta a parábola contada por Jotão e que tem como tema a escolha do rei das árvores. Além disso, este trabalho tornou-se um exercício de interpretação e sintetização textual visando a melhor compreensão do público sem perder a essência da história.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

Realizar o projeto gráfico-editorial de um livro ilustrado infantil tendo como base o relato do Livro de Juízes capítulo 9.

### 1.1.2 Objetivos específicos

- Aplicar e aprofundar os estudos de design editorial;
- Avaliar livros infantis ilustrados já existentes;
- Desenvolver estruturação gráfica de acordo com as pesquisas e embasamentos apresentados neste trabalho;
- Ilustrar as páginas do livro facilitando a compreensão da história.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Segundo Favretto (2019), Mark Carpenter, presidente da editora evangélica Mundo Cristão, uma das maiores editoras cristãs da América Latina, o público cristão praticante lê e consome mais literatura do que o restante da população. Para ele, isso se deve à cultura das igrejas, que incentivam os fiéis à leitura da Bíblia não só nos templos ou grupos de estudo, mas também em casa. Ele atribui esse comportamento também à motivação entre os membros das comunidades, principalmente evangélicas, de lerem livros que complementem o aprendizado religioso.

Reforçando o discurso de Carpenter, uma pesquisa realizada em 2012 pelo Instituto Pró Livro, em parceria com o banco Itaú, denominada “Retratos da Leitura no Brasil” aponta que os cristãos leem o dobro em relação a população em geral, sendo a Bíblia o livro mais lido pelos brasileiros.

Outro fator importante a ser destacado é o aumento do consumo de literatura religiosa nos chamados “momentos de crise” tornando o contexto do período pandêmico global de Covid-19 favorável a este tipo de literatura. Contudo, mesmo com os dados apontando para uma cultura de leitura cristã cada vez mais crescente, a diversidade de histórias bíblicas para o público infantil ainda é muito limitada, concentrando-se apenas naquelas que são amplamente conhecidas, inclusive pelo público não cristão.

Para além dos dados, a dificuldade de encontrar materiais diversificados da temática bíblica é algo vivenciado corriqueiramente pela autora, a qual realiza um trabalho voluntário de ensino em sua igreja local. Sendo assim, com base nos dados apontados e nesta experiência pessoal da autora, definiu-se como tema para este projeto a elaboração de um livro ilustrado sobre conteúdo bíblico, utilizando-se do relato presente no livro de Juízes capítulo 9 como base para desenvolvê-lo. Ao final, busca-se obter um material que servirá de referência futura para a criação de livros que abordem a mesma temática.



***“Alguém já disse que ter ideias é coisa fácil, mas que transformar ideias em coisa real [design, produto ou arte] exige muito trabalho.” (FERLAUTO, 2004, p. 13)***

### 1.3 METODOLOGIA

Segundo Munari (1981, p.20) “O método projetual não é mais do que uma série de operações necessárias, dispostas por ordem lógica, ditada pela experiência”. Sendo assim, metodologia pode ser definida como uma serie de passos a serem aplicados durante um processo, com o intuito de solucionar problemas. Seu objetivo é guiar o projeto através de alicerces, que facilitam a obtenção da solução mais enriquecedora e com o menor esforço, tornando uma ideia em algo real.

Este projeto tem como fundamento a metodologia de Bruce Archer, que está presente no livro “A Prática do Design Gráfico – uma metodologia criativa” de Fuentes (2006). Sua escolha se deve a grande capacidade de adequação aos projetos gráficos editoriais e pela simplificação dos processos que a compõem, conforme apresentado na **Figura 1**.

**Figura 1 - Resumo visual das etapas da metodologia de Bruce Archer**



Fonte: Elaborado pela autora adaptado de Fuentes (2006)

Segundo Fuentes (2006) a primeira fase da metodologia de Bruce Archer, denominada fase analítica, tem como objetivo aprofundar o conhecimento a respeito do escopo do projeto. Para isto, Archer subdivide a fase analítica em cinco etapas, sendo elas:

- **Compilação de dados:** buscar informações, dados e pesquisas para conhecer e imergir na temática do projeto que será desenvolvido.
- **Ordenação:** organizar os dados levantados.
- **Avaliação:** avaliar os pontos que são relevantes para se alcançar os objetivos do projeto.
- **Definição de condicionais:** estabelecer os critérios que conduziram o projeto.
- **Estruturação e hierarquização:** Estruturar e hierarquizar os dados levantados.

Já a segunda fase, intitulada como criativa, busca a integração dos dados levantados na etapa anterior, a fim de auxiliar na elaboração de ideias pertinentes ao escopo projetual e na sua estruturação. Essa fase também é subdividida em 5 etapas:

- **Implicações:** buscar conexões entre os dados levantados.
- **Formulação de ideias diretoras:** formular ideias iniciais a partir das conexões estabelecidas.
- **Escolha de ideias:** definir as ideias promissoras para o escopo projetual.
- **Formulação de ideias:** estabelecer as ideias finais que darão continuidade ao projeto.
- **Verificação:** conferir o cumprimento das etapas e requisitos.



Por fim, a etapa executiva conclui a metodologia, possibilitando a avaliação de alternativas, orientações de ajustes finos e a concretização do objetivo projetual. Semelhante as anteriores, esta fase também é subdividida em 5 etapas, sendo elas:

- **Valorização crítica:** avaliar a relação entre ideias e requisitos projetais.
- **Ajuste de ideia:** ajustar pontos que estiverem em desacordo com a proposta.
- **Processo interativo:** proporcionar interações iniciais com as alternativas, a fim de perceber possíveis necessidades de ajustes.
- **Desenvolvimento:** desenvolver os processos de concretização do objetivo projetual.
- **Materialização:** concretizar o objetivo projetual com as devidas técnicas, seja produto, interface ou artigo gráfico.

No entanto, deve-se compreender que a metodologia não se trata de uma receita fixa, em que suas etapas são rígidas e a mínima alteração prejudica o resultado final. Entende-se que é necessário haver adaptações nas metodologias com o intuito de englobar as necessidades específicas de cada projeto. Como afirma Munari (1981, p.21) “O método projetual para o designer não é nada de absoluto nem definitivo; é algo que se pode modificar se encontrarem outros valores objetivos que melhorem o processo”.

Com base nisto, realizou-se algumas modificações na metodologia escolhida, a fim de adequá-la ao projeto gráfico-editorial deste trabalho. Para uma compreensão mais ampla, as adaptações realizadas na metodologia podem ser observadas na **Figura 2**.

Como parte da adaptação realizada, todas estas etapas foram delimitadas como base para a concepção das diretrizes deste trabalho. Em síntese, a fase analítica terá como finalidade buscar uma contextualização histórica do tema e definir os limites e o escopo projetual, além de identificar os perfis de usuários e indivíduos que deverão ser abordados para, então, construir os requisitos que são essenciais e/ou relevantes para o desenvolvimento do projeto.

Figura 2 – Metodologia Adaptada de Bruce Archer.



Fonte: Elaborado pela autora.



A partir dos dados levantados e analisados na etapa analítica, inicia-se a fase de criação, a qual tem o intuito de gerar ideias para o tema do projeto e encontrar uma solução adequada. Como adaptação realizada, tendo em vista que o objeto deste trabalho é a construção de um livro, a fase criativa passou a ser delimitada a estruturação gráfica e definição de elementos gráficos, bem como os demais aspectos que formarão a identidade do material.

Por fim, na etapa executiva as ideias refinadas e aplicadas para então serem materializadas. Nesta fase, assim como nas anteriores, são utilizadas ferramentas que auxiliam na identificação das melhores alternativas que, por sua vez, são analisadas repetidas vezes até que se chegue a uma solução adequada aos requisitos identificados durante o processo. Adaptando-se esta última etapa ao objeto deste trabalho, a etapa executiva passou a resumir a diagramação, processo de ilustração, teste de impressão, definição de acabamentos, protótipo e especificações técnicas do projeto

## 1.4 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

O presente estudo limita-se a elaborar um livro ilustrado impresso voltado ao público infantil, utilizando uma parábola profética presente no livro bíblico de Juízes capítulo 9. Busca-se, ainda, construir uma narrativa lógica para a construção do material através de análises históricas, exemplos de materiais semelhantes e pesquisas de mercado. Além disso, com base nos conceitos relacionados à sua configuração, propõem-se a organizar os conhecimentos necessários que contribuam para o design deste trabalho.

Assim, o presente estudo não prevê a construção e uma abordagem metodológica para a construção de materiais semelhantes e, sim, busca identificar as relações entre o público infantil e o ensino bíblico e, a partir disto, construir um livro utilizando-se de uma passagem bíblica específica. Também propõem-se abordar aspectos técnicos de procedimentos e ferramentas de produção de livros, tais como linguagens de diagramação e processos de impressão, e alguns detalhamentos de softwares específicos (*InDesign*, *Illustrator*, *Photoshop*, dentre outros).

Este estudo também não pretende abranger de forma ampla a relação do usuário com o artefato livro, mas fornecerá insumos para um futuro desdobramento nesta linha de estudo. Assim, não serão realizados estudos específicos de usabilidade com o leitor, pois o enfoque está nos aspectos físicos e visuais do material.







## 2. FASE ANALÍTICA

### 2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A etapa de contextualização da início a fase Analítica, e tem como intuito apresentar uma contextualização histórica dos temas norteadores deste projeto, sendo eles literatura infantil e literatura bíblica, compilando informações relevantes que serviram de alicerces para seu desenvolvimento. Por fim, essa etapa também estabelecerá o público-alvo deste projeto.

#### 2.1.1 Literatura infantil

A prática de contar e ouvir histórias remonta aos primórdios da humanidade. Muito antes de ser escrito o primeiro livro de contos de fadas, estes já existiam na tradição popular, sendo perpetuado pela transmissão oral, seja entre os adultos ou de pais para filhos. Para as crianças, além de um objetivo lúdico e fantasioso, as histórias tinham um papel de apresentar os feitos do passado e ensinar sobre ritos, crenças e valores que auxiliavam na construção do seu caráter.

De acordo com Freiberger (2010, p.12) “A literatura infantil surgiu, a partir da necessidade de transmitir acontecimentos e ideias, e através da contação de histórias buscou-se uma maneira de repassar a herança cultural, para gerações mais jovens”. Ou seja, essa transmissão de conhecimento era, inicialmente, apenas através da oratória, não havendo um registro por escrito.

A contação de histórias permaneceu como principal meio de disseminação dos conteúdos. Mas, no contexto da transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, no qual predominavam as doutrinas ditadas pela igreja católica, já existiam algumas obras literárias voltadas ao catecismo das colônias conquistadas pelos europeus, sendo muitas delas desenvolvidas pelos padres jesuítas, como por exemplo: *A Doutrina Cristã (1566)*, de Marcos Jorge, *Catecismo na Língua dos Ardas, bem como Doutrina Cristã (1580)*, de Manuel de Lima e *Catecismo Brasílico da Doutrina Christã (1686, segunda edição)*. Além destas obras, havia algumas fábulas com viés moral, instruindo o bom comportamento aos leitores.

Até o século XV os livros eram itens caros e raros pois, eram feitos manualmente por monges, que apenas os nobres tinham acesso. Um dos fatores que auxiliou no processo de disseminação deles, nesse período, foi a invenção da prensa com tipos moveis por Johann Gutemberg, em 1455. Tal invenção possibilitou a impressão de livros em série, com acabamento em costura, e também seu acesso às pessoas mais humildes. Vale ressaltar que uma das obras mais conhecida a ser impressa nesse processo foi a Bíblia, nos idiomas latim e Alemão, feita por Gutemberg. A obra ficou conhecida como a Bíblia de Gutemberg, sua composição é de aproximadamente 1282 páginas, em uma distribuição textual de duas colunas, como mostra a **Figura 3**.

**Figura 3 - Imagem da Bíblia de Gutemberg em exposição na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos.**



Fonte: BBC NEWS Brasil, por Analia Llorente.



Apesar desse crescimento exponencial dos livros, ainda não existiam obras voltadas ao público infantil. De acordo com Freiberger (2010) as crianças dessa época eram vistas como “pequenos adultos”, sendo instruídas de acordo com os ideais das pessoas mais velhas. Não existia uma distinção entre ambos, sendo assim, não havia necessidade de desenvolver livros, ou qualquer outro item, voltado a esse público. Todos tinham o mesmo modo de se vestir, falavam da mesma maneira e não havia uma preocupação com as capacidades das crianças, por isso participavam igualmente dos trabalhos físicos.

Por conta disso, o surgimento dos primeiros livros infantis só ocorreu por volta do século XVII, quando se começa a ter uma conscientização sobre a infância. Nesse período, o escritor Jean La Fontaine (1621-1695) ganha notoriedade ao criar seu universo de fábulas, as quais refletiam a cultura popular da época, sendo apreciada por adultos e crianças. Ao todo, La Fontaine desenvolveu de 12 livros que compunham cerca de 243 fábulas e muitas delas perduram até os dias atuais, como por exemplo: A lebre e a tartaruga ou a Cigarra e a formiga, como mostra a **Figura 4**.

**Figura 4 - Obra de Jean La Fontaine, edição de fábulas escolhidas para crianças de 1888.**

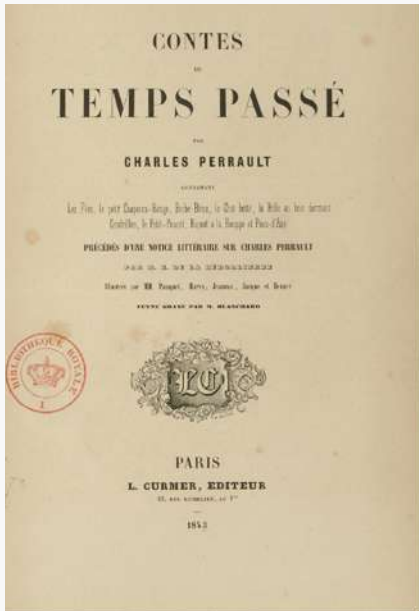


Fonte: acervo da Biblioteca Digital Mundial, cedido pela Biblioteca Nacional da França (2013)

No entanto, ainda não se existia algo que pudesse ser considerado um “gênero infantil”, sendo assim, muitas obras ainda possuíam um linguajar voltado ao público adulto. Charles Perrault (1628-1703) torna-se referencial quanto a isso, trazendo em suas obras, os famosos “Contos de fadas” a adaptação de algumas lendas medievais para o público infantil, como por exemplo a famosa história “Chapeuzinho vermelho”, veja na **Figura 5**.



Figura 5 – Imagens da obra Contes du temps passé (Contos de fadas de épocas antigas) de Charles Perrault, edição de 1843.



Fonte: acervo da Biblioteca Digital Mundial, cedido pela Biblioteca Nacional da França (2007)



No século XVIII começam a surgir mais obras literárias contribuindo com o desenvolvimento de alguns avanços nos aspectos técnicos das mesmas, como por exemplo a primeira junção de texto e imagem que foi desenvolvida por Willian Blake, como afirma:

O pintor e poeta inspirador William Blake pode, talvez, ser visto como o primeiro a experimentar a relação simbiótica entre palavra e imagem, pelo menos no sentido de seu arranjo visual. Blake produziu *Songs of Innocence* em 1789, imprimindo e publicando o livro ele mesmo. Seu estilo visual idiossincrático e visionário era totalmente original e pouco se devia a tudo o que estava acontecendo nas artes visuais naquela época. (SALISBURY, 2012, p. 13)

**Figura 6 - Frontispício de Songs of Innocence de Willian Blake.**



Fonte: Salisbury, (2012)

O poeta e Gravurista, Willian Blake, foi o responsável pelo desenvolvimento do conteúdo, das ilustrações e até mesmo do processo de impressão da obra. Não se sabe ao certo quantas cópias foram feitas, mas trata-se de um livro iluminado<sup>1</sup>, gravado, impresso à mão e colorido pelo autor.

Apesar dos avanços técnicos, a qualidade estética dos livros desenvolvidos no século XVIII não eram semelhantes à de *Songs of Innocence and of Experience*, pois não havia preocupação com os aspectos visuais das obras até então. Além do mais, a tecnologia da época limitava o desenvolvimento de elementos elaborados na confecção dos livros, como afirma Salisbury (2012):

Os livros de capítulos do século dezesseis ao século dezenove foram produzidos a baixo custo, ilustrados com xilogravuras toscamente preparadas e impressas, e foram vendidos em todo o campo por vendedores ambulantes para um público com níveis geralmente limitados de alfabetização e recursos. A relação entre palavras e imagens aqui era frequentemente tênue e amplamente decorativa. (2012, p. 12 -13)

De acordo com Salisbury (2012), até 1930 as cores eram adicionadas manualmente às obras, até que George Baxter e Charles Knight desenvolveram em 1935 um método de impressão de cores através de blocos de madeiras, o qual ficou conhecido como Processo Baxter. Já no século XVIII, Aloyslus Senefelder criou os princípios da litografia, processo base para grande parte das impressões em grande escala utilizadas atualmente, mas que naquela época ainda não possuía uso regular.

Entre 1830 e 1890 houve um grande salto na qualidade gráfica das obras editoriais, além da inclusão de cores, surgiram capas mais elaboradas com alto e baixo relevo, variedade de ilustrações, papéis diferenciados, entre tantos outros recursos. Apesar de tantos avanços, como já mencionado, não havia uma delimitação clara entre os produtos desenvolvidos para crianças ou para adultos, com isto a estética empregada nas ilustrações dos livros infantis não contemplava a total interação e compreensão do público infantil.

No século XIX os famosos contos dos Irmão Grimm passam a fazer muito sucesso por trazer uma linguagem popular, diferenciando suas obras das de Perrault, o qual desenvolvia seus materiais voltados à corte. Esta escolha de transcrever os contos utilizando da linguagem cotidiana não era por acaso pois, com isso, buscava-se preservar os contos antigos utilizando-se de uma narrativa muito próxima da forma como



Figura 7 - Imagens dos livros ilustrados de Randolph Caldecot



Fonte: Salisbury, (2012)

o povo falava, levando-os a compreender mais claramente a história. Dentre as obras mais conhecidas dos Grimm estão: “A Branca de Neve e os sete Anões”, “João e Maria” e os “Músicos de Bremen”.

Contudo, como destaca Cunha (2014), mesmo escrevendo contos que hoje são considerados denominadamente infantis, os irmãos Grimm, no começo, colocavam as crianças no mesmo nível de entendimento adulto. Além disso, Cunha (2014, p.37) afirma:

[...] passaram a considerar as especificidades típicas da mente infantil e, por consequência, amenizaram a violência e o caráter doutrinário de suas narrativas. Renovaram o universo da fantasia deixando predominar, não obstante das perspectivas negativas que permaneceram nas histórias, um humanismo onde sempre impera a esperança e confiança na vida. Assim, inteiramente integrados ao movimento nacionalista e os valores humanitários de sua época, Jacob e Wilhelm Grimm mergulharam no acervo cultural popular para alcançar o reino maravilhoso da infância.



Ainda no século XIX, outros três grandes autores se destacam no panorama literário infantil: Lewis Carroll, Carlo Collodi e J. M. Barrie. Mesmo com certa padronização estilística percebida nas obras da época, os três se destacam por produzirem histórias com traços em comum: decorrem no mundo real e, de repente, surge algo de mágico, exterior às leis naturais.

O inglês Charles Lutwidge Dodgson (1832-1898), conhecido pelo pseudônimo de Lewis Carroll, diácono e professor de matemática, escreveu sua mais importante obra em 1862, *Alice no país das maravilhas*, primeiramente intitulado *Alice por terra abaixo* (*Alice underground*), depois alterado para *Aventuras de Alice no país das maravilhas* (*Alice's adventures in Wonderland*).

Publicado em 1865, *Alice no país das maravilhas* teve um sucesso quase que instantâneo. Em um comentário, Cademartori Magalhães (1994, p.30) afirma que o inglês “foi um inovador do conto infantil, criou histórias sem moralidade, abandonando o tom sentencioso comum às histórias do século XIX”. Segundo ela, o texto de *Alice no país das maravilhas* “rejeita qualquer pretensão didática tradicional”, deixando de lado a primazia dada, até então, às finalidades moralizantes e instrutivas das práticas literárias que buscavam modelar o comportamento da infância.

**Figura 8 - Ilustrações de Sir John Tenniel's para Alice no País da Maravilha de Lewis Carroll's.**



Fonte: site hypeness, (2020)



Ainda em relação a Alice no país das maravilhas, vale ressaltar a ruptura que as ilustrações de Sir John Tenniel's (**Figura 8**) trouxeram para o panorama dos livros infantis, como afirma Salisbury (2012, p.18):

Os desenhos de Sir John Tenniel para Alice's Adventures in Wonderland (Macmillan, 1865), de Lewis Carroll, talvez tenham anunciado esta nova era. Eles trouxeram um novo tipo de presença na página; as imagens desempenharam um papel fundamental na experiência do livro e, posteriormente, tornaram-se definitivas para a nossa leitura.

Além de Carroll, o italiano Carlo Lorenzini (1826-1890), também conhecido por seu pseudônimo Collodi, destacou-se com a história de Pinóquio, uma obra prima da literatura infantil criada em 1881. A famosa história do boneco de madeira foi publicada inicialmente no Jornal para as crianças (*Giornale per i bambini*), o qual, através do sucesso do personagem, levou à publicação do livro *As aventuras de Pinóquio* em 1883.

Ainda sobre Pinóquio, Cunha (2014) afirma que comumente discute-se que Collodi inspirou-se na mitologia grega (Mito de Prometeu) para criar o boneco de madeira que se transformou em menino, assim como em temas bíblicos (desobediência, castigo e perdão) que norteiam a história.

Já James Matthew Barrie (1860-1937), dramaturgo e romancista britânico, consagrou-se mundialmente pela inesquecível criação de Peter Pan, “o mito da eterna infância” (COELHO, 1982, p.319), que se refugia em um mundo de fantasia por ter medo de que estaria por vir, ou seja, crescer.

Não desconsiderando o valor do trabalho de Perrault no processo de evolução da literatura infantil, nesta breve síntese fica claro a incontestável contribuição desses três brilhantes escritores para a literatura infantil. A rica fusão do mundo real (convencional, conhecido e disciplinado) com o mundo imaginário (inusitado, desconhecido e livre) presente em suas obras e que deslumbram os leitores do passado e da atualidade, servindo de inspiração para as icônicas animações de Walt Elias Disney (1901-1966).

### 2.1.1 Literatura infantil no Brasil

Já no Brasil, a literatura infantil só teve vez após a implantação de Imprensa Régia, em 1808, com a vinda de D. João VI. As primeiras obras eram adaptações de obras europeias, em especial as portuguesas, que eram lidas por adultos e crianças.

Segundo Freiberger (2010, p.21):

Um dos primeiros autores da época a fazer adaptações, conhecido pela inserção dos contos europeus no Brasil, é Alberto Figueiredo Pimentel. O autor publica traduções dos contos de Perrault, dos irmãos Grimm e de Andersen, em obras como Contos da carochinha, Histórias da avozinha, Histórias da baratinha.

**Figura 9- Imagem do livro Histórias da Avósinha de Alberto Figueiredo Pimentel**



Fonte: (SILVA, 2017, p.8)



Histórias da Avósinha é uma obra publicada em 1896 pela Livraria Quaresma Editora, também conhecida como Livraria do Povo. Segundo Silva (2017) Essa livraria, localizada no Rio de Janeiro, acaba se tornando uma importante protagonista da literatura infantil no Brasil no fim do século XIX. Esse mérito é devido ao impacto social que a mesma causou na sociedade da época, uma vez que produzia diversas obras, incluído livros infantis e adaptações dos grandes clássicos, à um preço acessível.

Com relação as ilustrações dessa obra, de acordo com Silva (2017, p.11) “[...] a biblioteca contou com a colaboração do desenhista e caricaturista Julião Machado, como se lê na folha de rosto de Histórias da Avósinha (1936): “Obra ilustrada com 131 gravuras desenhadas por Julião Machado”. Tal contribuição fortaleceu diretrizes para os próximos artistas nacionais, segundo Herman Lima (1963) Julião Machado foi um dos precursores na utilização da fotografia e de processo gráficos com zinco, o que de certa forma resultou em materiais mais elegantes.

**Figura 10 - História da Avósinha (1936). Ilustrações de Julião Machado.**



Fonte: (SILVA, 2017, p.11)

Um novo ciclo na literatura infantil brasileira se inicia com o advogado e jornalista José Bento Marcondes Monteiro Lobato (1882–1948). Sua preocupação com o escasso cenário da literatura infantil do Brasil nos primeiros anos do século XX foi um dos principais motivos que o induziram nesse universo. E uma das maneiras que encontrou para mudar essa situação foi através da adaptação de histórias clássicas,

como afirma Cunha (2014, p.49 ) “[...] em oito de setembro de 1916, manifestou em carta ao seu amigo Godofredo Rangel, a intenção de adaptar, à realidade nacional, as conhecidas fábulas de Esopo e La Fontaine.”

No entanto, em 1920 Monteiro desponta com a publicação de seu primeiro livro voltado ao público infantil, uma obra original chamada “A menina do narizinho arrebitado”, sendo este o primeiro livro registrado no Brasil. Inicialmente, esta obra era considerada apenas uma leitura escolar com fins educativos, mas suas características lúdicas e imaginativas a distinguiram muito das demais obras infantis da época, que eram repletas de moral, regras e ensinamentos.

**Figura 11 - Imagem do livro A Menina do Narizinho Arrebitado de Monteiro Lobato**



Fonte: Acervo Itaú Cultural (2020)



Além disso, o nacionalismo exacerbado de Monteiro o levou a uma abordagem de valorização das características típicas do Brasil em seus livros, tais como: os costumes da vida rural e o folclore. O autor constituiu um vasto repertório no imaginário das crianças que cresceram ouvindo suas histórias, estimulando-as a criarem seus próprios universos e valorizarem os costumes de seu país, como afirma:

“Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios.” (CADEMARTORI, 1986, p. 51).

Lobato abriu caminhos para que outros escritores brasileiros, voltados ao público infantil, pudessem emergir após ele. Dentre eles temos como referência Ziraldo, criador do “Menino Maluquinho” e “Boneca de pano”; Ana Maria Machado, criadora de “A Grande Aventura de Maria Fumaça” e “A Velhinha Maluquete”; e Mauricio de Sousa, criador da “Turma da Mônica”. A atuação destes autores contribuiu com o crescimento do mercado editorial infantil no Brasil.

Outra questão ser destacada em relação a literatura infantil é a escolha de mídias. Atualmente é possível ler um livro de diversas maneiras, mas se tratando do público infantil, a mídia impressa possui algumas características vantajosas, como por exemplo: o processo de aprendizagem, a decisão do ritmo de leitura, a possibilidade de ir e vir e o tempo de contemplação das imagens. Tais características dão as crianças autonomia e auxiliam no seu desenvolvimento pessoal respeitando suas limitações.

Além disso, existe uma diversidade de tipos de livros infantis atualmente no mercado que podem ser classificados por diversos fatores, suas ilustrações, o material de sua composição, entre outros aspectos. Mas, Teixeira (2015, p.41- 42 ) propõe um quadro de classificação a partir do conteúdo das obras, segundo ele:

Os tipos de livros infantis podem ser classificados de acordo com a disposição interna do conteúdo e a apresentação da obra (LINDEN, 2011): livros com ilustração, primeiras leituras, livros ilustrados, histórias em quadrinhos (HQ) livros pop-up, livros-brinquedo, livros interativos e livros imaginativos.

Tais classificações e suas características podem ser conferidas na **Figura 12**.

**Figura 12 - Tipos de livros infantis de Jorge Teixeira (2019)**

Exemplo	Tipo de livro infantil	Características
	Livro com ilustração	Obra onde o texto é especialmente dominante e acompanhado de ilustrações.
	Livro de primeiras leituras	Obra caracterizada como um romance, narrativa sequenciada em capítulos curtos e diagrama com imagens emolduradas junto ao texto. É o meio termo entre o livro ilustrado e o romance.
	Livro ilustrado	Obra narrativa em que a imagem é especialmente predominante ou não existe texto.
	Histórias em quadrinhos (HQ)	Obras que se apresentam não apenas em quadrinhos com balões de texto, mas pela articulação de imagens em sequência e quadrinhos justapostos em vários níveis.
	Livro pop-up	Obra que contém elementos compostos em dobras que se acomodam entre as páginas duplas em um sistema de encaixe, abas, esconderijos etc.
	Livros-brinquedo	Obra híbrida que contém características de livro e de brinquedo com presença de elementos em três dimensões, tais como pelúcia, figuras de plástico etc.
	Livros interativos	Obras que apresentam atividades diversas, tais como pinturas, construções, recortes, colagens, atividades manuais etc.
	Livros imaginativos	Obras que apresentam organizações material e funcional específicas e indissociáveis a fim de apresentar uma organização por meio de agrupamento lógico.

Fonte: Teixeira 2019, p.47

Tendo em vista todo este contexto histórico e a concepção construtiva que se tem a respeito dos livros infantis na atualidade, percebe-se a importância do aspecto lúdico no processo construtivo das histórias infantis, tanto para o deslumbre quanto para a compreensão dos aspectos reais e morais, o que reforça a importância desta contextualização para a elaboração deste trabalho.



## 2.1.2 Literatura Bíblica

Livros baseados na Bíblia não são uma novidade, de certa forma, esta vertente na literatura sempre esteve presente e em alguns casos abriu portas para outros temas; afinal, grande parte das primeiras obras literárias eram de cunho sagrado e espiritual. No entanto, para entender a literatura bíblica<sup>2</sup> é necessário compreender a obra que a antecede, ou seja, a Bíblia, e os aspectos que a permeiam.

A Bíblia é o livro mais lido atualmente e sua influência permeou o processo evolutivo da literatura como um todo. Seu nome tem como significado literal “os livros” pois se trata de um compilado de 66 livros, no caso da Bíblia protestante, e 73, da católica; sendo divididos em Antigo e Novo Testamento. De acordo com Broocks (2014) esses livros foram escritos à mão por cerca de quarenta autores diferentes ao longo de 1600 anos, tendo a primeira cópia impressa apenas em 1454 com a prensa de Johannes Gutenberg, já mencionada anteriormente. Com relação aos idiomas originais, Fee (2011, p.41) afirma que:

Os sessenta e seis livros que compõem a Bíblia protestante foram originalmente escritos em três línguas diferentes: hebraico (a maior parte do Antigo Testamento), aramaico (língua irmã do hebraico, usada em boa parte de Daniel e em duas passagens de Esdras) e grego (todos os escritos do Novo Testamento).

Por se tratar de um agrupamento de livros, a Bíblia apresenta vários gêneros literários distintos. Fee (2011) os classifica como: história em narrativa, genealogias, crônicas, leis de todos os tipos, poesia de todos os tipos, provérbios, oráculos proféticos, enigmas, drama, esboços biográficos, parábolas, cartas, sermões e apocalipses. Dentre eles a narrativa é a mais comum, compondo cerca de 40% do Antigo Testamento, incluído o livro de Juízes, que é o foco deste projeto.

Mesmo se tratando de um livro construído ao longo de anos, por autores, línguas e estilos diferentes, uma das temáticas principais continua a mesma: o povo de Israel. Portanto, para compreender o processo de disseminação da Bíblia e as ramificações desta vertente na literatura, é necessário conhecer um pouco da história de Israel, já que grande parte da obra se concentra na trajetória deste povo, refletindo sua construção de princípios e identidade.

De acordo com Oliveira (2011, p.45) tratar de assuntos bíblicos nos direciona para a história de um povo que constituiu sua identidade em memórias “As memórias são,



em si, as tradições, e o povo da Bíblia é povo de tradição, esta se torna a sua Lei, a Torá, o grande livro de Israel, que não é um tratado de Leis, contudo são narrativas das tradições.”. A mesma autora também afirma que o povo israelita, por valorizar as memórias coletivas e sua descendência; uma vez que consideravam as crianças como dádivas divinas, empenhavam-se em manter uma vasta tradição de transmissão de conhecimento oral, a fim de passar sua história como povo à geração mais nova.

Esse interesse em disseminar o conhecimento aos mais novos acompanhou o povo Israelita ao longo dos anos, povo este que, posteriormente, ficou conhecido como judeus, tornando esta prática parte de sua cultura e tradição. Exemplo disso ocorre na comemoração do *Pessach* (Páscoa), uma tradicional festa judaica que celebra a libertação deste povo da escravidão no Egito, na qual a leitura do *Hagadá*<sup>3</sup> tem um papel muito importante durante a celebração.

Se tratando de cultura judaica, os Hagadás podem ser considerados o início do que viria a ser a literatura bíblica infantil atual, principalmente as obras ilustradas, uma vez que foram originados com o propósito de ensino das histórias sagradas para as crianças. De acordo com o Museu de Israel, um dos exemplares ilustrados mais antigos que se tem registros é o *Hagadá das Cabeças de Pássaros* (**Figura 13**) o qual contém o texto litúrgico da refeição cerimonial da Páscoa, que foi escrito por volta de 1300. Como afirma Ruth Youth Wing, a curadora responsável pela exposição *Beauty and the Book* do Museu de Israel, na qual a obra é apresentada: “[...] este é um dos mais antigos *haggadot* ilustrados ainda existentes, e leva o nome das cabeças de pássaros com as quais o artista adornou as figuras humanas do livro.”.

Já em relação ao ocidente, as obras com viés bíblico concentram-se na história de Jesus Cristo - o filho de Deus que vem ao mundo com o propósito de salvá-lo. História esta que veio a se tornar o fundamento para a constituição do Cristianismo. De acordo com o escritor, teólogo e professor C.S Lewis (2005, p.55) o cristianismo pode ser definido como:

[...] uma religião aguerrida. Para o cristão, Deus criou o mundo - “tirou de sua cabeça” o espaço e o tempo, o calor e o frio, todas as cores e sabores, todos os animais e vegetais, como um homem que cria uma história. Por outro lado, para o cristianismo, muitas das coisas criadas por Deus caíram no erro, e Deus insiste - aliás, de forma enfática - em colocá-las de volta no lugar.



Figura 13 - Hagadá das Cabeças de Pássaros.



Fonte: acervo do Museu de Israel, fotografia digital cedida por George Blumenthal, Nova York.

Mesmo sendo a Bíblia o principal meio de aprendizado do cristianismo, uma das obras que auxiliou o processo de disseminação da literatura bíblica no ocidente foi o Livro das Horas, que, segundo a Biblioteca Digital Mundial, eram publicações com orações voltadas aos leigos, para utilizarem em suas devoções particulares. Essas obras surgiram na Europa no final da idade média e se tornaram muito populares entre os cristãos devotos, podendo até ser considerados como *best-seller* da época, uma vez que haviam mais cópias destes livros do que da própria Bíblia. Essas obras eram tidas como um símbolo de *status*, podendo ser personalizada e utilizadas para presentear cristãos dedicados, principalmente às mulheres de classes altas. De acordo com a Biblioteca Digital Mundial (2017), o conteúdo apresentado por essas obras normalmente incluía:

[...] um calendário com os dias das festas litúrgicas e uma série de orações a serem recitadas oito vezes por dia, conforme a prática estabelecida. No início do período renascentista a popularidade do Livro das Horas demonstrava o interesse, cada vez maior, dos leigos em falar diretamente com Deus e os santos e não exclusivamente através da Igreja e do clero ordenado.

Em meio ao acervo apresentado pela Biblioteca Digital Mundial encontra-se um exemplar destas obras, um manuscrito desenvolvido em pergaminho pela oficina parisiense de Geoffroy Tory por volta de 1524. De acordo com a descrição proposta pela Biblioteca, a edição consta com elaboradas pinturas, sendo 16 grandes e 26 pequenas, todas iluminadas em ouro e com ricas cores primárias, como mostra a **Figura 14**.

**Figura 14 - Livro das Horas desenvolvido na oficina de Geoffroy Tory em 1524.**



Fonte: acervo da Biblioteca Digital Mundial, cedido pela Biblioteca do Congresso.

Tratando-se da valorização das crianças, no ocidente não existia a mesma percepção contida nas tradições hebraicas, fazendo com que o período da infância só viesse a ser relevante aos olhos da sociedade por volta no século XVII, como mencionado anteriormente. Consequentemente, o desenvolvimento de obras bíblicas voltadas para este público também não possuía espaço. No entanto, de acordo com a cronologia proposta por O'Sullivan (2010) algumas obras se destacam como precursoras na literatura bíblica pois, posteriormente, tornaram-se referência para o desenvolvimento de



outros livros. Exemplo disso é a obra *Acts and Monuments* de Jonh Foxe, publicada em 1563, que, apesar de seu conteúdo não ser voltado ao público infantil, tornou-se fonte para livros posteriores voltados às crianças protestantes.

Além da obra de Foxe, O’Sullivan (2010) apresenta mais alguns títulos que podem ser considerados importantes contribuintes no processo evolutivo ocidental dos livros infantis com viés bíblico, relação esta que pode ser observada na **Figura 15**.

**Figura 15 - Relação de obras literárias infantis relevantes com viés bíblico, extraídas da cronologia de Emer O’Sullivan (2010)**

Ano	Autor	Título	Marcos
1672	James Janeway	A Token for Children	Sendo um relato exato da conversão, vidas sagradas e exemplares e mortes alegres de várias crianças pequenas, um dos livros infantis puritanos mais lidos.
1678	John Bunyan	The Pilgrim’s Progress	Alegoria espiritual popular.
1715	Isaac Watts	Divine Songs	Utilização de uma linguagem fácil para o uso de crianças, hinos didáticos. Permanece popular há pelo menos 150 anos.
1717	Benjamin Harris	The Holy Bible in Verse	Versão rimada da Bíblia e o primeiro livro infantil conhecido com ilustrações no que viria ser os Estados Unidos.
1745	_____	The History of the Holy Jesus	O primeiro produto totalmente americano para crianças.
1786	Sarah Trimmer	Economy of Charity	Escrita para promover a educação da escola dominical, e sua história inicial de animais Fabulous Histories, mais tarde conhecida como The History of the Robins.
1867	Hesba Stretton	Jessica’s First Prayer	Livro evangélico “árabe de rua” que dá início a uma moda para histórias de crianças abandonadas.

Fonte: adaptado da cronologia de Emer O’Sullivan (2010)

Além dos livros mencionados anteriormente, vale ressaltar o papel desempenhado pelas Bíblias hieroglíficas, que eram obras compostas por textos bíblicos e desenhos, muito utilizadas para a alfabetização das crianças. De acordo com a Biblioteca Digital Mundial (2017), essas obras se tornaram muito populares na América e na Grã-Bretanha pois ti-

nham como objetivo o ensino das escrituras sagradas às crianças. Em meio ao acervo apresentado pela Biblioteca, encontra-se um exemplar da primeira Bíblia hieroglífica americana denominada como a “Curiosa Bíblia hieroglífica” que foi produzida por Isaiah Thomas em 1788.

**Figura 16 - Curiosa Bíblia hieroglífica desenvolvida por Isaiah Thomas em 1788**



Fonte: acervo da Biblioteca Digital Mundial, cedido pela Biblioteca do Congresso.

Outro fator que teve grande influência no processo de disseminação do conteúdo bíblico para o público infantil foi o advento das escolas bíblicas dominicais a partir de 1780. De acordo com a cronologia de O’Sullivan (2010) este movimento foi iniciado por evangelistas na Inglaterra com a intenção de ensinar disciplina, catecismo e leitura às crianças da classe trabalhadora. Antes disso, o contato das crianças com histórias bíblicas ocorria apenas das seguintes fontes: seus lares, com a instrução dos pais; através da literatura, com as obras mencionadas anteriormente; e dos cultos litúrgicos, que são voltados ao público adulto.

Mediante a estas questões e as circunstâncias das crianças pobres, que trabalhavam nas fabricas durante a semana, mas ficavam ociosas aos domingos, o jornalista Robert Raikes vê a necessidade de estabelecer um local que as acolhesse neste dia específico. De acordo com Matos (2019) após Raikes montar uma escola e dar início aos trabalhos de evangelismo e alfabetização com as crianças houve uma grande aceitação das pessoas pelo projeto, levando-as a se voluntariarem. Em apenas seis anos de atuação, as escolas bíblicas dominicais já reuniam cerca de 200 mil crianças na Inglaterra e com o tempo esta proposta foi sendo difundida em outros países, chegando nos Estados Unidos em 1790 e no Brasil em 1855.



Com a vinda do movimento das escolas dominicais para o Brasil, iniciou-se um processo de formalização do ensino bíblico nacional através de Associações e conselhos especializados no tema. Segundo Matos (2019) o professor Rev. Erasmo de Carvalho Braga foi um importante protagonista do movimento de escolas dominicais no Brasil, elaborando um material denominado “Livro do Professor” com lições, comentários bíblicos, orientações pedagógicas e ricas ilustrações.

Além das obras voltadas as escolas dominicais, começaram a surgir a partir de 1950 os primeiros materiais bíblicos infantis desenvolvidos no Brasil, os quais possuíam uma relação direta com as denominações religiosas que os elaboravam, como por exemplo a revista “Nosso Amiguinho” desenvolvida pela igreja Adventista do Sétimo dia. Sobre esta obra Bellotti (2009, p.10) afirma:

[...], de circulação mensal desde 1953, adotou entre os anos 1950 e 1960, um discurso moralmente conservador, alinhado à tendência pedagógica tradicional daquele tempo, seguindo o caminho de publicações seculares infantis, como a revista “Tico-Tico”<sup>20</sup> (a primeira revista infantil brasileira, publicada entre 1905 e 1955).

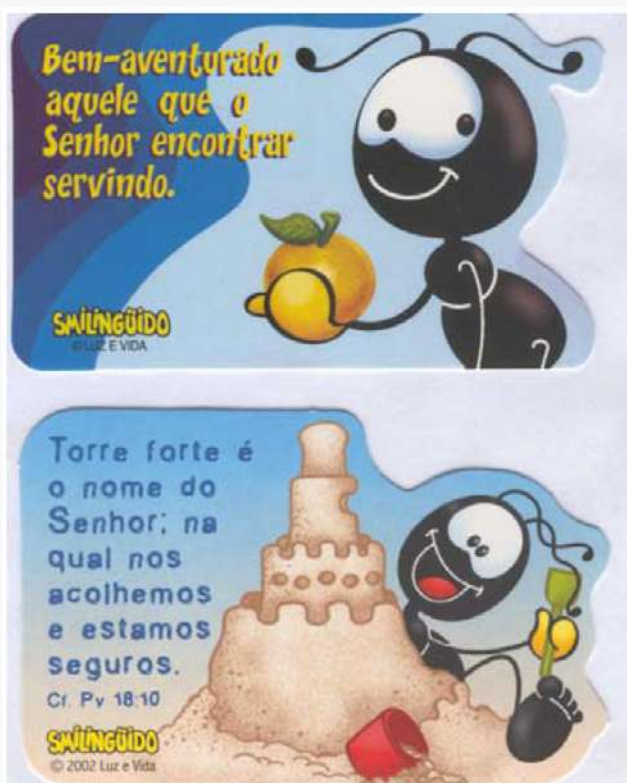
A revista *Nosso Amiguinho* foi uma das obras precursoras no nicho infantil bíblico, mas sua abordagem era mais focada em uma orientação religiosa, recheada de regras morais e patrióticas, sem abertura para uma retórica infantil com princípios bíblicos.

Com o passar do tempo houve algumas mudanças no discurso dos materiais bíblicos voltados ao público infantil. As quais foram reflexo de uma nova percepção cultural que se instaurava no Brasil em 1970. De acordo com Bellotti (2009), o aumento do mercado consumidor infantil e as novas tendências construtivistas no sistema educacional brasileiro, auxiliaram na formação de uma nova percepção de infância, fazendo com que a criança fosse vista como cidadãs e consumidoras. Consequentemente, as obras de cunho bíblico seguiram as mesmas tendências e de acordo com Bellotti (2009) o personagem *Smilinguido* representa muito bem essa nova perspectiva nas obras bíblicas infantis.

A personagem *Smilinguido* se trata de uma pequena formiga, que tem como missão de vida comunicar o amor de Deus e faz isso ressaltando os valores cristãos ao público infantil. *Smilinguido* foi criado pela artista plástica Márcia Macedo D’Haese e o roteirista Carlos Tadeu Grzybowski em 1980 e se tornou o maior sucesso de vendas no mercado evangélico infantil.

Bellotti (2009) afirma que a estratégia inicial de disseminação do personagem fora através da divulgação de tirinhas publicadas em jornais locais, além de slides com audiocassetes, cartões e marca páginas – este, o produto mais rendoso da formiguinha desde então (Figura 17). Mas, em 1989 a Editora Luz & Vida assumiu os direitos de uso da personagem, tornando-a uma das figuras mais relevantes e influentes na comunicação dos valores cristãos e aumentando o número de seus produtos licenciados cada vez mais, chegando ao total de 800 produtos atualmente.

**Figura 17 - Dois exemplares de produtos do personagem Smilinguido**



Fonte: Bellotti 2009, p. 13.

A repercussão causada pela personagem Smilinguido fora tão grande que alcançou um público além dos que se denominavam pertencentes ao segmento cristão e diluiu as barreiras entre denominações religiosas, como afirma Bellotti (2009, p.14):



Smilinguido tornou-se um fenômeno cristão: ele é católico para os católicos, e protestante para os protestantes, atrativo até para aqueles que não possuem uma orientação religiosa específica.

Mediante a este exemplo é possível notar o potencial de aceitação que uma personagem com temática bíblica pode atingir e perceber a relevância mercadológica que a temática bíblica possui para a construção do projeto atual. No entanto, para fomentar um suporte substancial ao conteúdo proposto é necessário abordar a passagem tema deste trabalho e o livro na qual ela se encontra.

### **2.1.2.1 Livro de Juízes**

Após uma contextualização da literatura bíblica ao longo dos anos é necessário compreender a configuração e principais pontos presentes no livro de Juízes e, em especial, da passagem alocada no capítulo 9, do versículo 8 ao 15, que fora escolhida para preencher as páginas do objeto final deste projeto, passagem esta também conhecida como “parábola de Jotão”.

O livro de Juízes pode ser classificado como literatura de narrativa, mas também apresenta passagens com outros gêneros literários, como as parábolas, por exemplo, a qual pertence o escopo desse trabalho. Como afirma Fee (2011) as parábolas bíblicas funcionavam como um meio de evocar uma resposta por parte do ouvinte. Elas eram e ainda são contadas para dirigir-se aos ouvintes e cativá-los, a fim de fazê-los parar e pensar acerca das suas próprias ações, levando-os a uma transformação em suas atitudes e, em um nível mais profundo, em seu caráter.

De maneira sucinta, os relatos contidos em Juízes apresentam parte importante da trajetória do povo judeu após a conquista da “terra prometida”, que após a morte de seus líderes (Moisés e posteriormente Josué) ficaram sem uma figura de autoridade para conduzi-los, e o que mais se assemelhava a isso eram os Juízes. Essas autoridades podiam ser vistas como líderes militares e guerreiros, quem em algumas vezes viviam de acordo com os preceitos religiosos do povo e outras não. De acordo com Luza (2019) o conteúdo presente em Juízes pode ser definido como:

São histórias sobre vários heróis (juízes) do passado de Israel. O livro reúne histórias do início da ocupação da Terra Prometida. [...] Dinâmica do livro funciona mais ou menos do seguinte esquema: os filhos de Israel fazem o que é mau aos olhos do Senhor e prestam culto a Baal, rompendo a aliança com o Deus do êxodo. Com isso, vem o castigo de Deus, que os entrega nas mãos dos inimigos. Diante disso, o povo se arrepende e clama a Deus, este se comove e suscita um salvador para libertá-lo. Depois de um período de paz, tudo recomeça.



São eleitos diversos juízes para libertar o povo das mãos dos povos inimigos, mas, por conta da passagem escolhida, daremos foco ao Juiz Gideão, pois este possui uma relação direta com a parábola de Jotão.

De acordo com van Loon (2020) Gideão tornara-se popular entre o povo após destruir uma estatua do deus Baal, por conta de um sonho que tivera, levando a ser conhecido como Jerub Baal (o destruidor de Baal). No entanto, este Juiz é mais conhecido por sua vitória sobre um exército medianita composto por mais de trinta mil soldados, apenas com trezentos homens armados de vasos de barro, tochas e trombetas. Contudo, a trajetória deste líder passou por altos e baixos, indo de um herói de guerra a um tirano idolatra, Andífnach (2012, p. 183-184) afirma que Gideão fora:

[...] um líder dúbio, ambíguo, que a mesma narração faz atuar de noite para acentuar seu temor à exposição. Sua história começa com sua luta contra a idolatria e finaliza com a construção de um ídolo de ouro.

Gideão teve ao todo 70 filhos, mas após sua morte, Abimeleque, um de seus filhos, matou todos os seus irmãos com o intuito de se tornar o próximo líder do povo. No entanto, um dos irmãos, Jotão, sobreviveu ao atentado e vendo que o povo estava tendenciado a estabelecer Abimeleque como rei decide apresentar uma parábola, para alertá-los sobre as consequências de eleger um soberano de maneira irresponsável, sendo esta a parábola de Jotão, conteúdo cerne do objeto final deste projeto que esta presente no livro de Juízes capítulo 9, versículos do 8 ao 15.

Apesar do conteúdo apresentado em Juízes ser voltado ao público adulto, é possível extrair textos relevantes deste livro e adaptá-los ao universo infantil, e assim, permitir o acesso das crianças a novas histórias bíblicas, com princípios enriquecedores para sua formação como bons cidadãos. De acordo com Oliveira (2011) a utilização de uma narrativa bíblica pode atuar como suporte na construção da realidade Infantil, pois de acordo com estudos de psicanalistas, literatos e educadores voltados ao público infantil existe a necessidade de literatura com linguagem rica em fantasia e magia no processo de construção da personalidade infantil.

A autora ainda afirma “[...] queremos ressaltar a literatura bíblica como portadora de material que, adequado em linguagem infantil, é, por certo, um texto que dá suporte para a criança menor de 7 anos trabalhar a construção de sua realidade.” (OLIVEIRA, 2011, p.54)



Mediante a este aprofundamento nas principais características do livro de juízes e da parábola de Jotão, no qual o objeto final deste projeto se baseia, é possível encontrar temáticas relevantes para o público infantil como: responsabilidade, arrependimento, coragem, unidade, fidelidade, e tantos outros, que, mediante a uma adaptação do conteúdo, podem contribuir com o processo de construção da realidade Infantil.

Por conta disso, percebe-se a oportunidade de inserção do objeto deste trabalho ao público infantil menor de 7 anos. Contudo, torna-se necessário uma delimitação mais objetiva do público-alvo e suas especificidades para compor os requisitos do produto final.

## 2.2 DEFINIÇÃO DO PÚBLICO-ALVO

A idade da criança é um aspecto de grande relevância na construção de um projeto gráfico infantil, pois ela demarca suas necessidades e limitações cognitivas e influência nas decisões fomentadoras da identidade visual, que neste caso será estabelecida na fase seguinte, a etapa Criativa. De acordo com isso e com base nos estudos de Nelly Novaes Coelho (2000), Jorge Teixeira (2019) elabora um quadro apresentando a distinção de “tipos de leitores” presente no público infantil, confira **Figura 18**.

Tem-se então a possibilidade de trabalhar com 5 opções de leitores pertencentes ao público infantil. Mas, com base no levantamento realizado até então, identifica-se a oportunidade de inserção da temática bíblica no público infantil de 0 a 7 anos; mediante a sua necessidade de suporte no processo de construção da realidade, tornando este um potencial foco para o projeto em questão, que, mediante as informações apresentada na tabela de Jorge Teixeira (2019), é possível classificar como Pré-leitores e Leitores iniciantes.

No entanto, para que haja uma adequação eficaz do conteúdo proposto pelo objeto deste trabalho, é necessário delimitar ainda mais a faixa etária do público-alvo, pois é preciso conhecer as competências de leitura do público que se pretende atingir. Para isso, pode-se recorrer a um dos principais objetivos do livro ilustrado, o auxílio no processo de alfabetização de crianças que, de acordo com o MEC (2012), ocorre do 1º ao 3º ano (dos seis aos oito anos) do ensino fundamental.

Mediante a isso, delimitou-se como foco deste trabalho o público infantil com faixa etária de 5 a 7 anos; por pertencer ao nicho em que a temática bíblica é relevante, incluir de maneira eficaz a o período de alfabetização da criança e englobar as idades de

**Figura 18 - Classificação do leitor infantil de Jorge Teixeira (2019),**

Classificação	Idade	Características
Pré-leitor	15 meses aos 5 anos	Fase de início do conhecimento de tudo que o rodeia, geralmente por meio de contato afetivo e pelo tato. Como a criança que ainda não decodifica a linguagem verbal escrita, a imagem tem predomínio absoluto. É uma fase de construção em que se indica livros de imagens, sem texto verbal, em que a criança constrói uma narrativa por meio de sequências de eventos e contatos com alguns elementos estruturais, tais como, espaço, personagem e tempo.
Leitor iniciante	A partir dos 5 a 6 anos	Apesar de iniciar uma fase de letramento, com os primeiros contatos com a expressão escrita e a linguagem verbal, a imagem ainda tem predomínio. Inicia-se a racionalização da realidade, socialização e as narrativas trazem situações simples e lúdicas. Nesta fase a criança ainda precisa dos adultos como suporte para decodificar sinais gráficos.
Leitor em processo	A partir dos 8 anos	A criança já domina o mecanismo de leitura e busca pelo conhecimento das coisas por meio de uma organização de pensamento lógico. É atraída por questionamentos e desafios. Nesta fase o adulto pode atuar como um incentivador da leitura. As narrativas devem trazer uma questão central, com um conflito que se resolve até o final, em um processo linear de início, meio e fim. A história geralmente é expressa por meio de imagens e textos com diálogos em frases simples e ordem direta. Interesse pelo humor fantasia e imaginário, além de curiosidade pelo realismo.
Leitor fluente	A partir dos 10 anos	A criança já domina a construção do conteúdo no livro e o mecanismo de leitura. Sua capacidade de concentração aumenta, permitindo um maior engajamento no texto, reflexão e percepção de mundo. Nesta fase inicia-se o processo de desenvolvimento do pensamento hipotético, dedutivo e capacidade de abstração. Já não há mais necessidade de um adulto e, apesar da atração pelo mágico e maravilhoso, as imagens são dispensáveis e o texto é construído de forma mais elaborada.
Leitor crítico	A partir dos 12 anos	Domínio total do processo de leitura, de reflexão e de aprofundamento no texto. Desenvolvimento de uma leitura mais crítica com entendimento das relações textuais entre micro e macrouniverso e os processos de semioses presentes no texto.

Fonte: Jorge Teixeira 2019, p.43.

fase leitor iniciante até o início da fase Leitor em processo da tabela apresentada por Jorge Teixeira (2019). A respeito deste público Costa (2012, p.27), citando Cademartori (2010), afirma que:

A respeito dos leitores mais novos, a autora comenta que a narrativa oferece às crianças em fase de alfabetização a oportunidade de experimentarem a potencialidade linguística, o que favorece sua exploração e entendimento do mundo. A apresentação dos códigos visuais por meio das ilustrações busca preparar a criança para lidar com a convenção do código das letras. A linearidade do livro induz a criança a associar a temporalidade do som a um sinal espacial, a letra. A mútua interação entre texto e imagem estimula a capacidade expressiva da linguística.



Com isso é possível perceber o grande impacto que a inserção da leitura tem no processo de alfabetização das crianças. No entanto, vale ressaltar que a faixa etária escolhida engloba o início desse processo e que boa parte dos livros para essa idade possui a necessidade de uma mediação de um adulto na decodificação dos sinais gráficos. Sendo assim, este projeto não tem como foco o processo de alfabetização infantil em si, mas levava em conta aspectos gráficos que possam auxiliar a criança nesse quesito, como por exemplo a escolha de tipografias e tamanho da letra adequado.

## **2.2.1 Orientações gráfico-editoriais para o público-alvo**

Com base nas delimitações estipuladas será realizado um levantamento de orientações gráfico-editorial para o público infantil de 5 a 7 anos, considerando suas especificidades mencionadas e os meios de utilização do produto “livro ilustrado”.

Neste contexto, entende-se como orientações gráfico-editoriais as fundamentações teóricas referentes aos elementos de design utilizados na construção de um produto editorial voltado às crianças. A respeito desses elementos Costa (2012, p.30), citando Campos (IBID., p.67), estabelece: “são “elementos da linguagem visual as cores, as formas, as linhas, as texturas, a tipografia, a criação e a representação de figuras, os estudos de composição e a pesquisa de materiais”.

Tem-se então um apanhado de alguns dos principais elementos de design que possuem impacto direto ao público, dentre os mencionados destacam-se Tipografia, Formato, Cor, Diagramação, Ilustração e Papel. Tais orientações podem ser vistas nos pontos a seguir.

### **2.2.1.1 Tipografia**

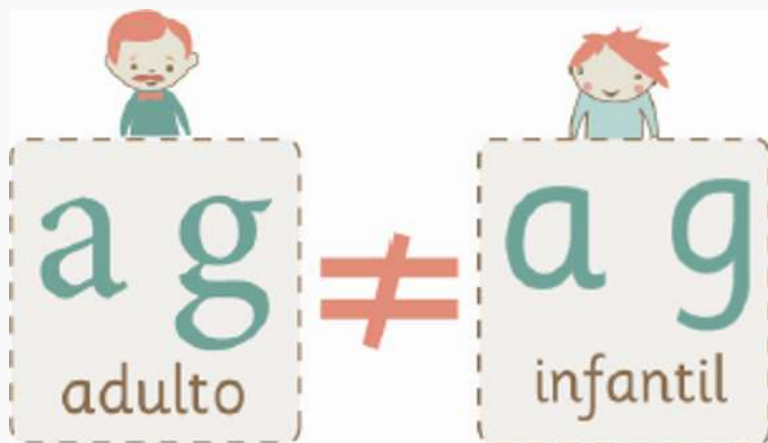
Segundo Zapatterra (2014) A Tipografia é um dos princípios pilares de um projeto editorial, sendo considerada sua espinha dorsal. Mediante a isso, sua definição possui grande impacto, uma vez que, sendo bem-feita ou não, influenciará diretamente na compreensão do conteúdo pelo leitor. Lins (2004) afirma que dentre aos fatores envolvidos na escolha de uma tipografia estão: corpo da letra, espaçamento entrelinha, espaçamento entre letras (conhecido como kerning), tamanho de colunas, legibilidade, entre outros.

Mas se tratando do público infantil, e principalmente da parcela que se encontra no processo de alfabetização, existem alguns aspectos que precisam ser levados em conta no momento de escolher uma tipografia, pois trata-se de um público pouco familiarizado com o desenho das letras.

Mediante a isto, Lourenço (2011) afirma que ao se tratar de uma tipografia voltada a crianças torna-se necessário abordar a existência de caracteres especiais que foram desenvolvidos com o objetivo de tornar os materiais voltados a esse público mais legíveis, tais caracteres são conhecidos como Caracteres infantis.

De acordo com Walker (2005) os caracteres infantis podem ser definidos como adaptações realizadas com a intenção de atender as necessidades percebidas nas crianças. Em alguns casos as letras são desenhadas com a intenção de se assemelhar ao manuscrito e outras apenas para se diferenciar de letras semelhantes. Os exemplos mais comuns em que ocorre essa adaptação são nas letras “a” e “g”, como pode ser visto na **Figura 19**.

**Figura 19 - Diferenciação entre caracteres infantis e adultos**



Fonte: Lourenço (2011)

No entanto, quando se trata da escolha de uma tipografia para crianças não basta ter caracteres infantis ou não, é necessário que haja uma diferenciação clara entre eles para não confundir o leitor, como afirma Lourenço (2011, p.95) citando Walker (2005):

[...] nem todos os caracteres infantis beneficiam a leitura das crianças. Aponta também que é muito importante que se for utilizar o caractere infantil, deve existir uma diferenciação entre as letras o, a e g, pois podem confundir as crianças.



**Figura 20 - Exemplo de falta de diferenciação entre caracteres infantis**



Fonte: Lourenço (2011)

Além disso, de acordo com Lourenço (2011) é necessário que haja um cuidado com a similaridade aparente de algumas letras pois o mais indicado para as crianças é que os tipos sejam claramente diferentes entre si, tem-se como por exemplo as letras “l” e “1”. Também é necessária uma certa atenção com as imprecisões causada pela união de caracteres, tal circunstância dificulta a compreensão do público infantil.

Com relação ao tamanho de corpo indicado ao público infantil, Coutinho e Silva (2006) apresenta alguns dos resultados obtidos pelos estudos de Burt (1959) no qual são estabelecidas algumas orientações quanto ao tamanho da tipografia. De acordo com ela, o pesquisador orienta o uso do corpo dos caracteres entre 18 e 24 pontos, pois proporciona conforto a criança na hora da leitura. A autora também ressalta que as palavras em materiais voltados a crianças com menos de 9 anos precisam ser bem espaçadas, o que envolve tanto o espaço entre letras quanto o espaço entre linhas, a fim de facilitar a compreensão.

Por fim, percebe-se a relevância da escolha de uma tipografia que possua caracteres infantis com boa diferenciação entre os desenhos da letra. Além disso, tornam-se de grande valor as orientações referentes ao corpo do texto e espaçamento.

#### **2.2.1.2 Formato**

A definição do formato de um livro é uma decisão de grande relevância, pois impacta diretamente o projeto editorial, já que, esta se torna a moldura do conteúdo que virá a ser acomodado. Na maioria das vezes este aspecto acaba sendo definido por editoras e seguindo os padrões mais utilizados pelas gráficas. No entanto, se tratando do uni-

verso infantil é possível encontrar variações inusitadas quanto ao formato dos livros, que têm por objetivo chamar a atenção dos pequenos leitores para o conteúdo.

Apesar disso, não existem regras sobre o formato adequado de um livro infantil, mas é possível levar em conta alguns cuidados no momento de definir este aspecto. De acordo com Lins (2004) existe uma relação entre a idade da criança com o tamanho do livro, quanto mais elas vão crescendo, mais o tamanho do livro vai diminuindo e o corpo das letras também. Lins (2004, p.61) também afirma que:

A maioria dos livros infantis brasileiros utiliza uma única folha BB, que mede 66 cm de largura por 99 cm de altura. É bom lembrar que o número de páginas é sempre múltiplo de 4 e que os objetivos é evitar o desperdício.

Além disso, de acordo com Silva (2010) outro aspecto que é influenciado pela escolha do formato de um livro é a passagem de tempo na história, na qual proporções mais horizontais podem dar a ideia de um período mais longo e favorecer ilustrações com paisagens e vistas panorâmicas, enquanto proporções mais quadradas passam a mensagem oposta.

Com base nisso percebe-se uma utilização de formatos maiores para materiais editoriais voltados ao público infantil, mas é necessário levar em conta os aspectos de fabricação utilizados pelo mercado brasileiro para não haver desperdício.

### **2.2.1.3 Diagramação**

Para desenvolver um material editorial é necessário que haja um processo de diagramação, sendo ele organizado ou caótico. De acordo com Guimarães (2003) a diagramação pode ser definida como um significado espacial e temporal no qual, caso haja, ou não, uma preocupação com aspectos de hierarquia subordinação, agrupamento, identificação, complementaridade etc., o sentido de leitura ocidental (da esquerda para a direita e do alto para baixo) acaba valorizando mais algumas áreas do que outras em uma página.

Para que se possa realizar esse processo é necessário utilizar-se de um elemento chave, o grid, que de acordo com (SAMARA, 2007, p.24) é um “[...] conjunto específico de relações de alinhamento que funcionam como guias para a distribuição dos elementos num formato.”

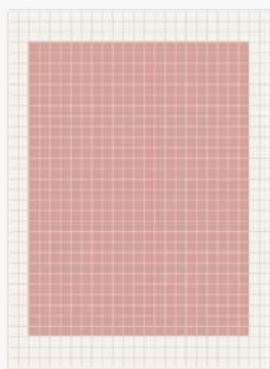


Um grid é composto por margens, módulos, colunas, linhas guias, entre outros elementos, que ao se unirem facilitam o processo de definição de um diagrama, que para Castro e Perassi (2013, p.4) “[...] é um sistema geométrico de planejamento e controle da disposição dos elementos gráfico-editoriais [...]”

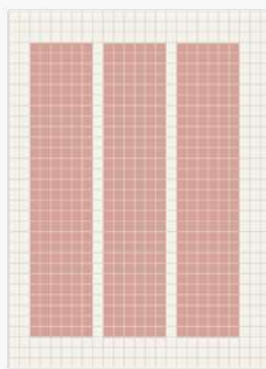
Dentre as principais estruturas de diagramas (**Figura 21**) está o retangular, colunar e modular, mas para saber qual se adequa melhor ao projeto gráfico é preciso recorrer ao conteúdo que será diagramado e suas necessidades específicas. Castro e Perassi (2018) apresentam uma relação entre conteúdo e estrutura do diagrama que facilita esse processo de escolha.

**Figura 21 - Principais tipos de diagramas.**

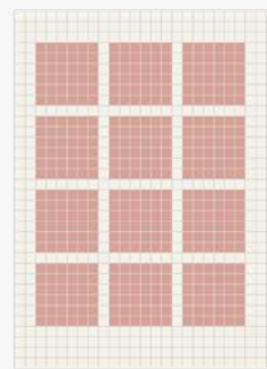
*Diagrama retangular*



*Diagrama colunar*



*Diagrama modular*



Fonte: adaptado de Castro e Perassi (2013)

- **Diagrama retangular:** é usado para textos contínuos, como é comum em livros, relatórios e textos acadêmicos, entre outros. No diagrama retangular, o elemento principal da página é o bloco de texto.
- **Diagrama colunar:** é comumente usado para controlar um volume maior de texto ou dispor informações diferentes em colunas separadas. Por exemplo, um diagrama colunar duplo pode ser organizado com colunas de larguras iguais ou diferentes.
- **Diagrama modular:** utilizado em produtos de maior complexidade devido à diversidade de informações. Assim, é indicado na composição gráfico-editorial de jornais, calendários e outros produtos com assuntos diversificados ilustrados por imagens, gráficos, tabelas e outros.



Se tratando do projeto gráfico para um livro ilustrado infantil, se tem por elemento central a imagem e sua relação com o texto, tornando o diagrama modular o mais indicado. No entanto, o processo de diagramação não envolve apenas grids e diagramas, existem outros elementos relacionados que influenciam na construção de um projeto editorial para o público infantil, como por exemplo a disposição dos elementos, sendo neste caso, prioritariamente, a ilustração e o texto.

De acordo com Necyk (2007), a disposição na página produz significados e influencia diretamente o aspecto semântico. Silva (2010) ainda afirma que este aspecto pode direcionar a leitura da obra, dando ao designer a responsabilidade de elaborar uma hierarquia visual adequada.

Com relação ao posicionamento da ilustração na página e sua relação com o texto, Lourenço (2011) apresenta 4 maneiras principais de disposição que podem ser observadas na **Figura 22**.

**Figura 22 - 4 maneiras de diagramação de material infantil**



Fonte: adaptado de Lourenço (2011)



Apesar dessas serem as maneiras de utilização mais comuns Lourenço (2011) ainda afirma que os livros infantis atuais possuem característica de serem ilustrados integralmente, valorizando as páginas textuais, que se assemelha mais a maneira 4 de diagramação. No entanto, se entende que estes são apenas os métodos mais usuais e não imposições quanto a diagramação em livros infantis, pois é dado ao designer a liberdade de distribuir os elementos de acordo com o objetivo do projeto.

Outro aspecto relevante quanto a diagramação é o tratamento do texto e suas particularidades que envolvem questões de alinhamento, hifenização, tamanho ideal de linhas, etc. Sobre este tema Lourenço (2011) apresenta algumas orientações com base nos estudos e exemplos de Willberg e Forssman (2007), os quais afirmam que as linhas de texto curtas (com poucas palavras) são mais adequadas aos materiais para crianças menores, pois permitem que o pequeno leitor consiga lê-las até o final com apenas um olhar. Além disso o autor também afirma que é importante ter o cuidado com as quebras de linhas em relação ao conteúdo, para que em cada linha apresente um objetivo e facilite a compreensão, sem que haja separação de palavras.

Essas orientações são relevantes para auxiliar os leitores mais novos no processo de leitura, mas com o passar do tempo e o aumento da habilidade de leitura tais preocupações tornam-se desnecessárias, principalmente nos materiais em que a leitura é feita pela mediação de um adulto. No entanto, como este trabalho é voltado a um público que se encaixa nestas circunstâncias, a implementação de tais orientações no produto final tornam-se desejáveis para que haja um auxílio no processo de leitura futuro da criança.

#### **2.2.1.4 Cor**

De acordo com Gonçalves (2004) a cor é um elemento muito significativo em um projeto gráfico tanto na transmissão quanto na difusão de conceitos e ideias. Dentre as principais funções da cor está a de “conduzir o olhar do observador, destacar espaços, integrar ou fragmentar áreas, auxiliar no processo de memorização e no desempenho de tarefas.”

A partir disso é possível compreender o grande impacto que este elemento possui no processo de assimilação informações do leitor, principalmente ao público que se encontra em processo de alfabetização, pois trata-se de uma informação facilmente descodificável para eles.

Entretanto, apesar da facilidade de assimilação que as cores possuem ao público infantil não basta apenas selecionar um número aleatório de cores e combiná-los em um projeto editorial, pois nem todas as paletas cromáticas obterão o mesmo impacto sob este público, isso porque cada cor transmite uma sensação diferente, relacionada as convecções de cada cultura como afirma Farina; Perez; Bastos (2006, p.25):

A atitude de um indivíduo frente à cor se modifica por influência do meio em que vive, sua educação, seu temperamento, sua idade etc. As crianças, por exemplo, tendem a preferir as cores puras e brilhantes.

No entanto, de acordo com Coutinho e Silva (2006), citando Guimarães (2002), uma das formas de se obter orientações quanto ao interesse do público por cores é através de estudos sobre das características e comportamentos do olho humano. Através desses estudos percebeu-se que público infantil, possui uma inclinação maior ao uso de cores luminosas, intensas, vibrantes e contrastantes, pois seu cristalino ainda não passou por nenhum processo químico causado pelo envelhecimento.

Mediante a isso grande parte dos materiais editoriais desenvolvidos para as crianças possuem a aplicação de uma grande variedade de cores, mas de acordo com a pesquisa de BAMZ, apresentadas por Farina; Perez; Bastos (2006, p.104), as crianças possuem uma preferência pelas cores vermelho, amarelo, o verde na mesma intensidade, e depois a cor azul, pois possuem uma boa visão em seus primeiros meses de vida e absorvem apenas 10% desta cor nessa fase.

Por fim, percebe-se a grande importância que a escolha de cores possui dentro da estruturação gráfica de um projeto editorial infantil e que existe uma relação de preferência por este público.

### **2.2.1.5 Ilustração**

De acordo com Silva (2010) a aplicação de ilustrações em materiais infantis se deve a muitas razões, mas dentre elas pode-se destacar o fato de a criança ter mais facilidade em ler as imagens e fazê-lo antes de aprender a ler. Com isso, compreende-se a grande difusão que este elemento teve em aplicações com os mais diversos fins, sendo inicialmente utilizada em um caráter educativo, que segundo o autor, tinha o objetivo de explicar e informar o leitor do assunto abordado no conteúdo textual.



No entanto, com o passar dos anos o uso das ilustrações em materiais editoriais passou a ganhar mais significados e permitir a transmissão de ideias mais complexas, neste momento este elemento não possui mais apenas o papel de informar apenas o que está escrito, mas complementá-lo e expandi-lo, acrescentando informações a história e aos personagens, como exemplifica Lins (2002, p.31) “A imagem caracteriza o personagem, podendo dar-lhe personalidades, idades e figurinos diferentes, e situá-los em locais e épocas diversos.”.

Referente as possíveis formas de relação entre texto e ilustrações, destacam-se os estudos feitos por Linden (2011), nos quais a autora afirma que existem 3 tipos de relação narrativa entre ambos os elementos: redundância, colaboração e disjunção. De acordo com Costa (2012), primeira ocorre quando a imagem tenta reproduzir a mensagem do texto. Já a colaboração é quando texto e imagem atuam juntos na construção da narrativa através de suas características. E por fim, a disjunção ocorre quando há uma desunião das mensagens passadas pelo texto e pela imagem, criando duas linhas narrativas paralelas.

Referente as particularidades de cada elemento, Costa (2012) declara que na construção de um livro ilustrado a imagem torna-se o componente mais adequado para transmitir informações sobre cenários e personagens. Mas, em contrapartida, esta não é a mais indicada para transmitir mensagens diretas a respeito do psicológico dos personagens e suas percepções internas, sendo este o papel do conteúdo textual.

Percebe-se então que através da união destes dois componentes é possível transmitir uma compreensão ainda mais profunda da história, que tem ganhado mais espaço em comparação com os materiais que se utilizam das ilustrações apenas com objetivo decorativo, como afirma:

(...) a ilustração extremamente literal ou puramente ornamental e decorativa não representa mais a diversidade, a pluralidade e a riqueza de informações visuais a que as crianças de hoje têm acesso, informações fragmentadas pelo controle remoto e pela velocidade com que são transmitidas, super-postas e tendo as mais variadas mídias como suporte. (...) (LINS, 2004, p. 36).

Com relação a estética e técnica empregada na elaboração das ilustrações, Lins (2004) declara que não existe um estilo adequado a literatura infanto-juvenil. O importante é que o estilo escolhido trabalhe em conjunto com a identidade do livro.

Por fim, compreende-se que é de grande relevância a relação entre texto e ilustração dentro da estruturação de um projeto editorial infantil, na qual o modelo colaborativo

proporciona grandes contribuições para a complexidade do produto, mas se tratando de público em processo de alfabetização a relação texto/imagem possui um valor significativo pois permite entenda a história ao ler as imagens.

## 2.3 AVALIAÇÃO DE EDITORIAIS DE LIVROS INFANTIS ILUSTRADOS

A seguir serão apresentados os livros de referência para o projeto. Eles serão analisados, destacando aspectos gráficos-editoriais relevantes que poderão ser incluídos no escopo do objeto deste trabalho.

### 2.3.1 Análise de livros ilustrados

**Figura 23 - Classificação do livro Betinho: amor em forma de criança.**



Fonte: desenvolvida pela autora.

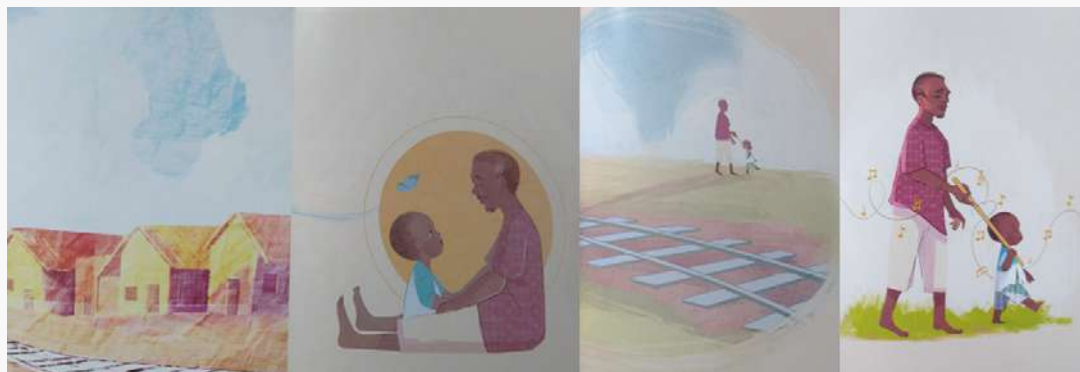
<b>Título</b>	Betinho: o amor em forma de criança;
<b>Autor</b>	Xuxa Meneghel
<b>Editora</b>	Globinho
<b>Cidade</b>	Rio de Janeiro
<b>Ano</b>	2021
<b>Fonte</b>	Minion 3   serifada
<b>Tamanho do livro</b>	190 mm X 250 mm
<b>Encadernação</b>	Lombada quadrada, capa dura
<b>Número de páginas</b>	18 folhas   36 páginas
<b>Numeração</b>	Não possui
<b>Papel</b>	Couchê brilho 180g
<b>Cores</b>	Tons pasteis

A obra foi escrita pela atriz e apresentadora Xuxa Meneghel e conta história real de Betinho, uma criança africana de dois anos, que através de um ato de amor guia o pai cego em busca de comida.

A escolha do estilo de ilustração, uma estética que remete a desenhos em giz pastel sob papel texturizado, combina perfeitamente com a temática sensível abordada pela história. Além disso, a paleta de cores pasteis reforça essa ideia.



**Figura 24 - Ilustrações de Monge Lua para o livro Betinho: amor em forma de criança.**



Fonte: desenvolvida pela autora.

Boa parte da diagramação é feita com linhas de 145 mm de largura, mas há uma variação de parágrafos de 70 mm à 120mm. A distribuição de texto e figuras segue, na maior parte das vezes, a ordem de textos a esquerda e ilustrações a direita, mas dentre as variações estão as ilustrações que compõem duas páginas, como mostra a **Figura 25**.

**Figura 25 - Diagramação do livro Betinho: amor em forma de criança.**



Fonte: desenvolvida pela autora.

Outra questão relevante, foi a utilização de uma cor creme para compor o “espaço de respiro” das páginas, que majoritariamente é branco, isso causa um diferencial na percepção estética da obra como um todo. E por se tratar de uma história com personagens negros, que se passa na África, essa pequena mudança reforça uma sutil reflexão de inclusão racial nas paletas cromáticas de projetos editoriais.



O livro vem com um pequeno kit de giz de cera, que pode ser utilizado para colorir duas ilustrações em preto e branco que estão no final da história, como mostra a **Figura 26**. Esse pequeno brinde traz uma interação maior da criança e fortalece a fixação da história.

**Figura 26 - Imagens para colorir do livro Betinho: amor em forma de criança.**



Fonte: desenvolvida pela autora.

**Figura 27 - Classificação do livro Travesseiro travesso.**



Fonte: desenvolvida pela autora.

<b>Título</b>	Travesseiro travesso
<b>Autor</b>	Luiz Raul Machado
<b>Editora</b>	FTD
<b>Cidade</b>	São Paulo
<b>Ano</b>	2015
<b>Fonte</b>	Caixa alta   sem serifa
<b>Tamanho do livro</b>	190 mm X 250 mm
<b>Encadernação</b>	Lombada quadrada, brochura
<b>Número de páginas</b>	20 folhas   40 páginas
<b>Numeração</b>	Possui
<b>Papel</b>	Couchê fosco 180g
<b>Cores</b>	Tons pasteis



A obra foi escrita por Luiz Raul Machado e fala sobre as aventuras de Clarinha, uma menina que ganha um travesseiro em forma de macaco, com seu mais novo amigo.

A composição visual do livro transmite a ideia de algo “quentinho”, aconchegante e macio, por conta das inúmeras representações de texturas presentes nas ilustrações, entre elas estão: cabelos, tecidos, pelos, nuvens entre outras.

**Figura 28 - Ilustrações de Vanessa Prezoto do livro travesseiro travesso.**



Fonte: desenvolvida pela autora.

Também há uma variação no estilo das ilustrações, em que as mais complexas e elaboradas representam a trajetória da protagonista com seu travesseiro. Já as mais simples representam as intervenções de Clarinha na história, através de pinturas e desenhos com giz de cera.

**Figura 29 - Variação de estilos do livro travesseiro travesso.**



Fonte: desenvolvida pela autora.





A diagramação segue, na maior parte das vezes, a ordem de textos a esquerda e ilustrações a direita, mas com variações ao longo da obra. Com relação a composição das “manchas de texto”, utilizou-se de variações de Kerning, tamanho e posicionamento no texto o que deu uma “voz” a mais ao conteúdo escrito. Já o comprimento de linhas, possui uma variação de 50mm até 155 mm.

**Figura 30 - variações da diagramação do livro travesseiro travesso.**



Fonte: desenvolvida pela autora.

**Figura 31 - Classificação do Livro Leo e a baleia.**



Fonte: desenvolvida pela autora.

<b>Título</b>	Leo e a Baleia
<b>Autor</b>	Benji Davies
<b>Editora</b>	Paz e Terra
<b>Cidade</b>	São Paulo/ Rio de Janeiro
<b>Ano</b>	2019
<b>Fonte</b>	Caixa baixa   com serifa
<b>Tamanho do livro</b>	230 mm X 195 mm
<b>Encadernação</b>	Canoa
<b>Número de páginas</b>	29 páginas
<b>Numeração</b>	Não possui
<b>Papel</b>	Couchê brilho 120g
<b>Cores</b>	Tons pastéis

Este livro faz parte do programa “Leia para uma criança” do Itaú Social. Leo e a baleia, originalmente *The Storm Whale*, foi escrito e ilustrado pelo animador Benji



Davies e conta a história de um menino solitário que encontra uma baleia e se torna amigo dela. Trata-se de uma obra renomada que já ganhou o *Oscar's Book Prize* e o *Book Of The Year 2017*.

Com relação as ilustrações presentes em *Leo e a baleia*, é possível notar uma riqueza de elementos e texturas que transmitem a atmosfera da história em um nível mais profundo, ou seja, quanto mais observadas forem as ilustrações dessa obra, mais se aprenderá sobre a história. O que faz com que o leitor se identifique cada vez mais com o personagem em algum aspecto.

**Figura 32 - Ilustrações de Benji Davies para o livro *Leo e a Baleia*.**



Fonte: desenvolvida pela autora.

Referente a diagramação do livro, a distribuição de texto e imagens, segue a ordem de textos a direita e ilustrações a esquerda, com algumas variações ao longo da obra. Com relação a variação de largura das colunas, que compõem os parágrafos, estão entre 65mm e 180mm.

**Figura 33 - Variações de diagramação do livro *Leo e a Baleia***



Fonte: desenvolvida pela autora.

Nesta composição existem algumas páginas com problemas de legibilidade, por conta da escolha de cores, o que prejudica a compreensão das informações.

**Figura 34 - Páginas com baixa legibilidade do livro Leo e a Baleia.**



Fonte: desenvolvida pela autora.

A partir dos dados obtidos com esta análise será possível estabelecer os critérios da etapa seguinte em relação aos elementos de ilustração, tipografia, paleta cromática, diagramação entre outros.

## 2.4 CONCEITO EDITORIAL E REQUISITOS PROJETOAIS

Para concluir a fase analítica e definir características funcionais serão elencados alguns dos principais pontos abordados na contextualização, análise de similares e definição de público-alvo de forma simplificada a fim de direcionar as etapas seguintes. Nesta etapa serão estabelecidos critérios projetuais, conceitos, missão editorial e título.

### **Critérios projetuais**

A partir da análise de similares e das orientações gráfico editoriais para o público-alvo foi desenvolvida a seguinte tabela de requisitos projetuais, que possuem uma variação de aplicação obrigatória e desejável. Estes requisitos auxiliaram o processo de tomada de decisão das etapas seguintes.



Figura 35 - Lista de requisitos da publicação

<b>Categoria</b>	<b>Requisito</b>	<b>Aplicação</b>
Tipografia	Apresentar caracteres infantis	Obrigatória
Tipografia	Diferenciação clara entre caracteres	Obrigatória
Tipografia	Utilizar tamanho entre 14 e 18 pontos	Obrigatória
Tipografia	Fonte gratuita	Obrigatória
Tipografia	Sem serifa	Obrigatória
Tipografia	Possuir ao menos 3 variações na família tipográfica.	Obrigatória
Formato	Tamanho superior ao formato padrão de livros adultos (14cm x 21cm);	Obrigatória
Formato	Bom aproveitamento de papel.	Desejável
Diagramação	Utilizar um diagrama colunar ou modular;	Obrigatória
Diagramação	Aplicar texto dentro da área de ilustração;	Desejável
Diagramação	Utilizar linhas textuais mais curtas	Desejável
Diagramação	Não ter hifenização.	Obrigatória
Cor	Predominância das cores Vermelho, amarelo e verde	Desejável
Cor	Uso de cores vibrantes	Desejável
Ilustrações	Representação de textura;	Desejável
Ilustrações	personagens amigáveis;	Obrigatória
Ilustrações	Relação de redundância entre texto e imagem;	Desejável
Ilustrações	Apresentar imagens para colorir	Desejável
Elementos gráficos	Incluir grafismos dos livros históricos abordados na fundamentação.	Desejável

Fonte: desenvolvida pela autora.

### Conceitos

Em seguida, foi realizado um *brainstorming* de palavras para elencar os conceitos predominantes do projeto, posteriormente um painel semântico com as palavras centrais que auxiliarão no desenvolvimento de painéis visuais da etapa criativa como conceitos norteadores.

**Figura 36 - Processo de *Brainstorming* e desenvolvimento de Painel semântico de conceitos.**

## Brainstorming

- Infantil
  - Lúdico
  - Criativo
  - Natureza
  - História
  - Colorido
  - Divertido
  - Interativo
  - Cheio
  - Harmônico
  - Acolhedor
  - Claro
  - Vibrante
  - Árvore
  - Plantas
  - Organizado
  - Valioso
  - Importante
- Legal
  - Interessante
  - Cusioso
  - Empolgante
  - Amigável
  - Confortável
  - Inspirador
  - Criativo
  - Lúdico
  - Acessível
  - Chamativo
  - Contemplativo
  - Compreensível
  - Cristão
  - Judeu
  - Histórico
  - Ensino

## Painel Semântico



Fonte: desenvolvida pela autora.

### Missão editorial

Entende-se por missão editorial o objetivo que se pretende atingir com o livro. Esta auxilia na compressão da abordagem que o material pretende ter, as temáticas pertinentes e as necessidades do público que se pretende atingir. Com isso, a missão editorial do objeto deste projeto é de ser um material que transmita à criança princípios bíblicos através da parábola de Juízes 9, além de contribuir com o processo de desenvolvimento da realidade, que ocorre dos 0 aos 7 anos.

### Título

Para a definição de um título baseou-se na narrativa central do conteúdo, que é a trajetória das Plantinhas para eleger um rei. Com isso, se tem como principal proposta para título “A escolha do Rei das Árvores”.



## 3.FASE CRIATIVA

### 3.1. ESTRUTURAÇÃO GRÁFICA

A etapa de Estruturação gráfica dá início a Fase criativa e para guiá-la optou-se por utilizar a metodologia de estruturação desenvolvida por Castro e Perassi (2018), presente na publicação “A Tipografia como Base do Projeto Gráfico-Editorial”. A qual propõe um processo de estruturação a partir da tipografia do corpo de texto para o tamanho de página, elaboração de grid e definição de diagramas. A **figura 37** mostra as etapas utilizadas por esta metodologia.

**Figura 37 – Metodologia de estruturação desenvolvida por Castro e Perassi (2018)**

- Predefinição de forma da página
- Definição da tipografia
- Estabelecimento da entrelinha
- Determinação do módulo.
- Dimensionamento da forma da página e construção da grade
- Representação do diagrama (largura de colunas e margens)
- Distribuição de textos e imagens para compor a mancha gráfica.

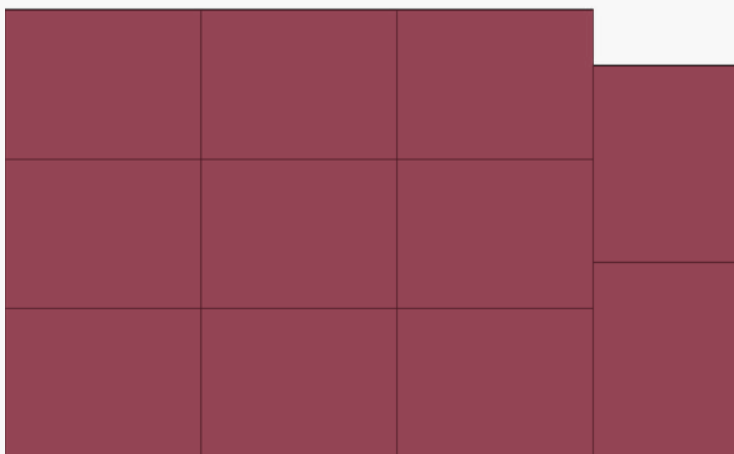
Fonte: desenvolvida pela autora.

#### 3.1.1. Predefinição da forma da página

Para a definição do tamanho das páginas levou-se em conta o formato dos similares analisados, os critérios estabelecidos anteriormente e o aproveitamento de papel da folha BB, com tamanho de 66 cm por 96 cm, que é a mais utilizada no mercado editorial. Com isso o tamanho do livro ficou definido em 19 cm de largura e 25 cm de altura.



Figura 38 - Representação do tamanho de página sobre o papel BB.

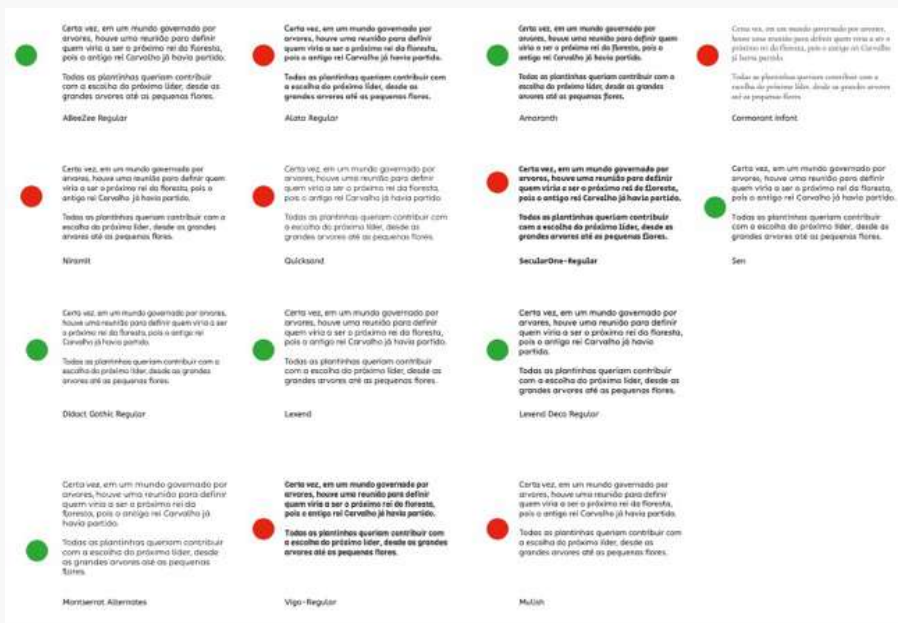


Fonte: desenvolvida pela autora.

### 3.1.2. Definição da tipografia

Como foi visto anteriormente, a tipografia possui um papel muito relevante no desenvolvimento de um material editorial, principalmente quando se trata do público infantil. Para a definição deste elemento utilizou-se como base os critérios estabelecidos na Fase Analítica para realizar uma pré-seleção dentro do Google fonts.

Figura 39 - Pré seleção inicial das fontes.

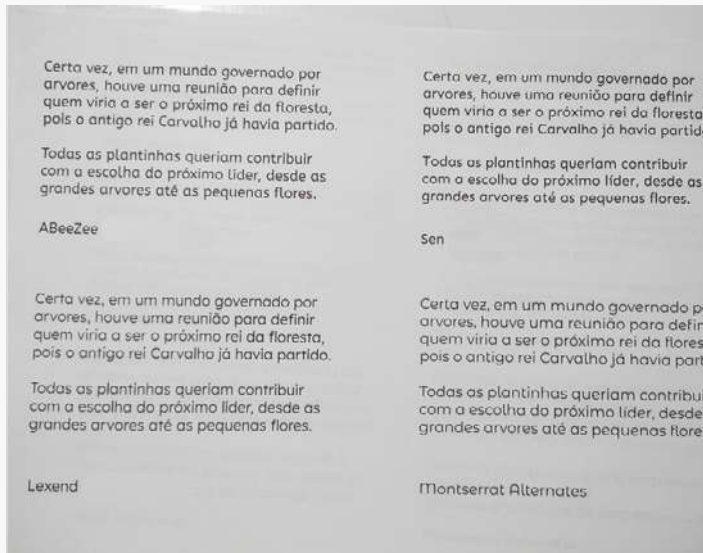


Fonte: desenvolvida pela autora.



Após algumas análises iniciais, com base nos critérios de caracteres infantis e variações tipográficas da família, foram escolhidas 4 fontes para realizar os testes tipográficos impressos para avaliar a legibilidade das tipografias e seu comportamento na mídia impressa.

### Figura 40 - Testes tipográficos



Fonte: desenvolvida pela autora.

Após realizar os testes impressos, foi elaborada uma tabela para auxiliar o processo de tomada de decisão da fonte. Esta ferramenta foi elaborada a partir do Modelo de Matriz de Seleção Tipográfica projetado por Mary Meürer (2017), tendo como base um sistema de pontuação das alternativas disponíveis, que são avaliadas a partir de requisitos estabelecidos. A avaliação é feita com base na adequação da fonte ao requisito, podendo ir de 1 ponto a 5 pontos, e cada requisito possui uma pontuação diferente, de acordo com sua relevância para o projeto. Para os requisitos a autora escolheu manter os que foram propostos por Meürer (2017), removendo três deles que não se aplicavam, tendo como requisitos finais:

- **Legibilidade:** Tipografias com boa distinção dos caracteres e espaço interno adequado;
- **Variações e Recursos:** Fontes que possuam uma família tipográfica com um bom número de variações em pesos e estilos;



- **Expressão:** Fontes que possuam um peso maior para facilitar a leitura, mas que sejam limpas ao mesmo tempo;
- **Qualidade:** tipografias sem problemas com pontuação e espaçamentos desregulares;
- **Suporte:** Tipografias que tenham um bom desempenho no meio impresso.

Figura 41 - Processo de definição tipográfica por tabela.

Fontes Seleccionadas	Legibilidade	Variações e recursos	Expressão	Qualidade	Suporte	Total
Peso dos critérios	5	4	2	5	3	
ABeeZee	3	1	3	5	4	62
Sen	3	2	2	5	4	64
Lexend	5	4	3	5	4	84
Montserrat Alternatives	4	5	2	5	4	81

Fonte Adaptado de Meürer (2017)

Além da tipografia para o texto foi escolhida uma outra para auxiliar nas ilustrações, dando um destaque a algumas partes da história. Foram realizados alguns testes impressos com a fontes Lexend para ver qual das alternativas se adequava melhor. Por fim, optou-se pela fonte *display Hanging Tree* por apresentar características que remetem a madeira e chamar bastante atenção.

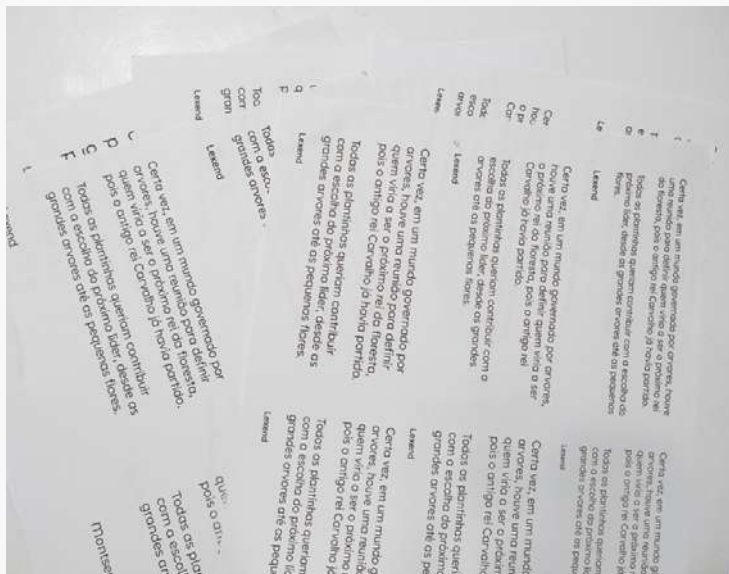
Figura 42 - Fonte *display* escolhida.



### 3.1.3. Estabelecimento da entrelinha

Com isso definiu-se como fonte para o texto para da publicação a fonte Lexend, uma fonte limpa e que apresenta uma boa diferenciação entre caracteres. Em seguida foram feitos novos testes tipográficos com manchas textuais para definir características peso e entrelinha que seriam utilizados.

Figura 43 - Testes tipográficos com variações de tamanho, peso e entrelinha.



Fonte: desenvolvida pela autora.

Para a definição do tamanho da fonte, foram feitos testes com vários tamanhos diferentes; por ser um critério de grande importância e haver recomendações ao uso do tamanho entre 18pt e 24pt para crianças menores de 7 anos. No entanto, levando em conta a característica de uso ser a mediação da leitura que a publicação terá, optou-se por trabalhar com o tamanho 14 pt, que é um tamanho um pouco maior que o usual em livros para adultos

Já para a escolha da entrelinha foram feitos testes impressos com variações de valores, com a indicação automática (16,8pt), 20 % a mais (16,2pt), até chegar ao valor de 18,3 pt que se adequou melhor ao bloco de texto. Por se tratar de um projeto voltado a crianças acaba sendo comum utilizar-se de uma entrelinha maior que 20%, já que é necessário que haja uma área de respiro maior. Por fim, a fonte escolhida foi a Lexend no peso Médio, com tamanho 14pt e entrelinha 18,3pt.



**Figura 44 - Tipografia escolhida para o texto.**



Fonte: desenvolvida pela autora.

### **3.1.4. Determinação do módulo**

Dando continuidade a metodologia proposta por Castro e Perassi (2013), após a escolha do formato da página e da tipografia com sua entrelinha é definido o tamanho do módulo, que é um elemento essencial para construção do grid e dimensionamento da página.

O Valor do módulo deve ser equivalente a altura da entrelinha, mas para isso é necessário que haja uma conversão de pontos para milímetros, nesse caso o valor de um ponto corresponderá a 0,35275 mm e a entrelinha estabelecida é de 18,3 mm, tendo um valor de módulo final de 6,455mm.

### **3.1.5. Dimensionamento da forma da página e construção da grade**

Após estabelecer o valor do módulo é necessário dividi-lo pelas dimensões iniciais da página e ajustá-las aos módulos, para que haja uma perfeita construção do grid. O ajuste é realizado com a divisão das medidas de largura e altura da página pelo tamanho do módulo, dando o total de módulos presentes na página. Sendo importante ressaltar que para a construção do grid o número de módulos não pode ser quebrado, sendo assim, com o resultado obtido pela divisão é feito um arredondamento do valor e posteriormente se multiplica o número de módulos arredondado pelo tamanho do módulo, obtendo-se então a medida final da página, como mostra a **Figura 45**.

No caso desta publicação este processo de redimensionamento resultou no tamanho de página final de 193,65 mm de largura por 251,745 mm de altura.

### Figura 45 - Resultado do redimensionamento de página a partir do módulo.

**Medidas iniciais:** 190 x 150 mm

**Módulo:** 6,455 mm

**Largura:**

$190\text{mm}/6,455\text{ mm} = 29,4345 = 30\text{ módulos}$

$30\text{ módulos} \times 6,455\text{mm} = 193,65\text{ mm}$

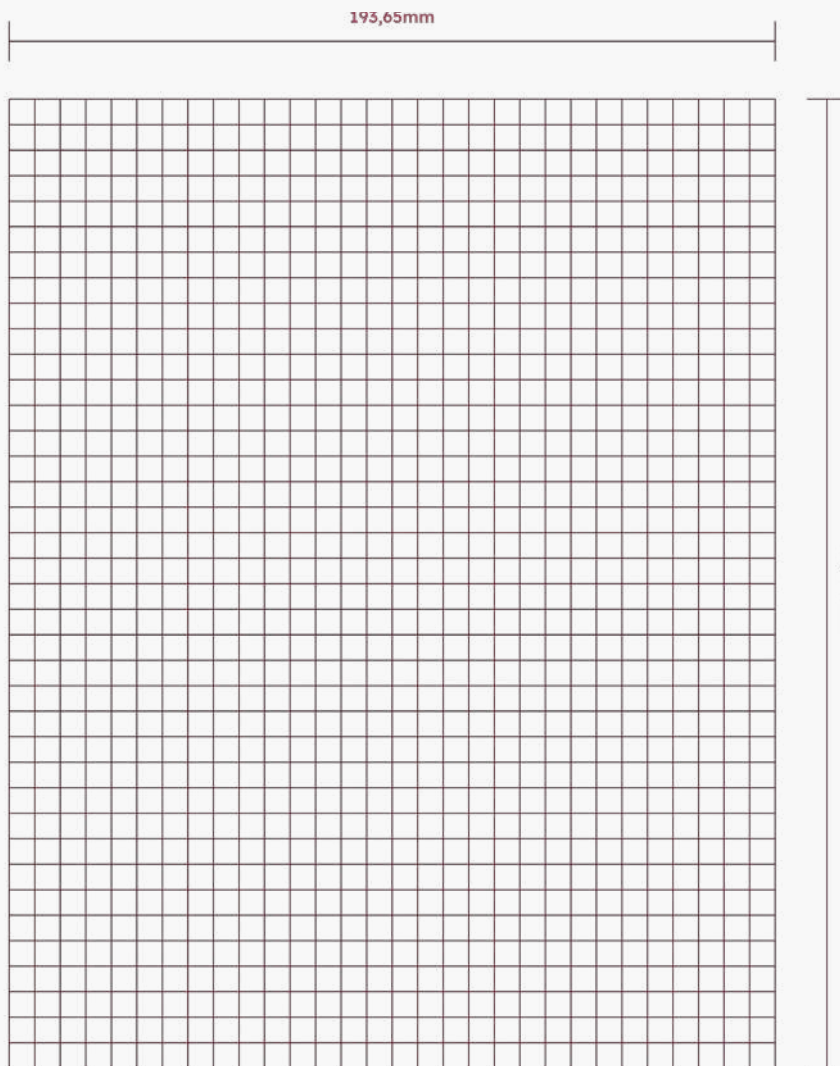
**Altura**

$250\text{mm}/6,455\text{ mm} = 38,7296 = 39\text{ módulos}$

$39\text{ módulos} \times 6,455\text{mm} = 251,745\text{ mm}$

**Tamanho final da página**

193,65mm x 251,745mm



Fonte: desenvolvida pela autora.



### 3.1.6. Representação do diagrama

Dando prosseguimento a metodologia de Castro e Perassi (2013), após concluir a construção do grid inicia-se os processos de elaboração do diagrama, que é responsável pelas informações que irão compor a mancha textual da publicação. No qual o comprimento das linhas do texto possui grande impacto, interferindo diretamente no estímulo de leitura do usuário.

Para que haja uma mensuração do tamanho ideal de linhas, Bringhurst (2015) desenvolveu uma tabela que relaciona o número médio de caracteres em uma linha com um valor médio de largura das colunas adequado, na qual a coluna lateral representa os valores do comprimento do alfabeto em pontos e a coluna superior a indicação de largura de colunar em paicas. Com base no comprimento do alfabeto romano internacional básico em caixa baixa em pontos é possível obter a relação de comprimentos de linhas ideais para desenvolvimento dos diagramas.

A partir disso realizou-se a medida do comprimento do alfabeto da fonte escolhida, que resultou num valor aproximado de 200 pt. Em seguida é preciso encontrar na tabela de Bringhurst (2015) um valor correspondente para se obter os valores de comprimento de coluna mínimos e máximos.

Como mostra a **Figura 48**, para o comprimento de alfabeto utilizado a largura de coluna mínima a se trabalhar é de 24 paicas, as ideais vão de 34 a 38 paicas e a máxima é de 40 paicas. No entanto, por se tratar de uma publicação voltada ao público infantil a largura de colunas pode ser ainda menor, uma vez que são recomendadas linhas mais curtas em materiais voltados a este público.



Figura 46 - Tipografia escolhida para o texto.

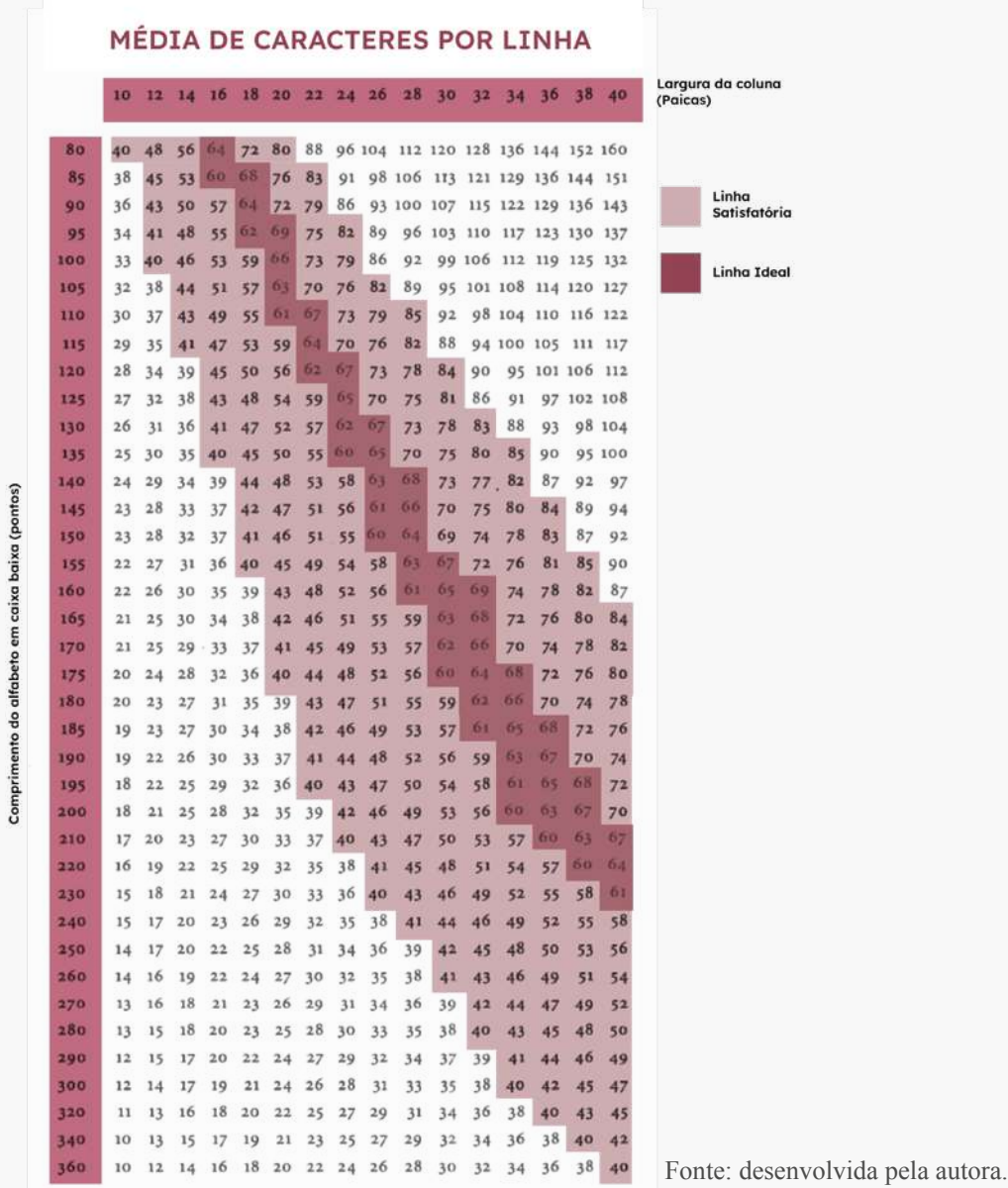


Figura 47 - Comprimento do alfabeto

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz

198,7139 pt

Fonte: desenvolvida pela autora.



Figura 48 - Valores mínimos e máximos de largura de coluna.

		MÉDIA DE CARACTERES POR LINHA																
		10	12	14	16	18	20	22	24	26	28	30	32	34	36	38	40	Largura da coluna (Paicas)
Comprimento do alfabeto em caixa baixa (pontos)	185	19	23	27	30	34	38	42	46	49	53	57	61	65	68	72	76	
	190	19	22	26	30	33	37	41	44	48	52	56	59	63	67	70	74	
	195	18	22	25	29	32	36	40	43	47	50	54	58	61	65	68	72	
	200	18	21	25	28	32	35	39	42	46	49	53	56	60	63	67	70	
	210	17	20	23	27	30	33	37	40	43	47	50	53	57	60	63	67	
	220	16	19	22	25	29	32	35	38	41	45	48	51	54	57	60	64	
	230	15	18	21	24	27	30	33	36	40	43	46	49	52	55	58	61	

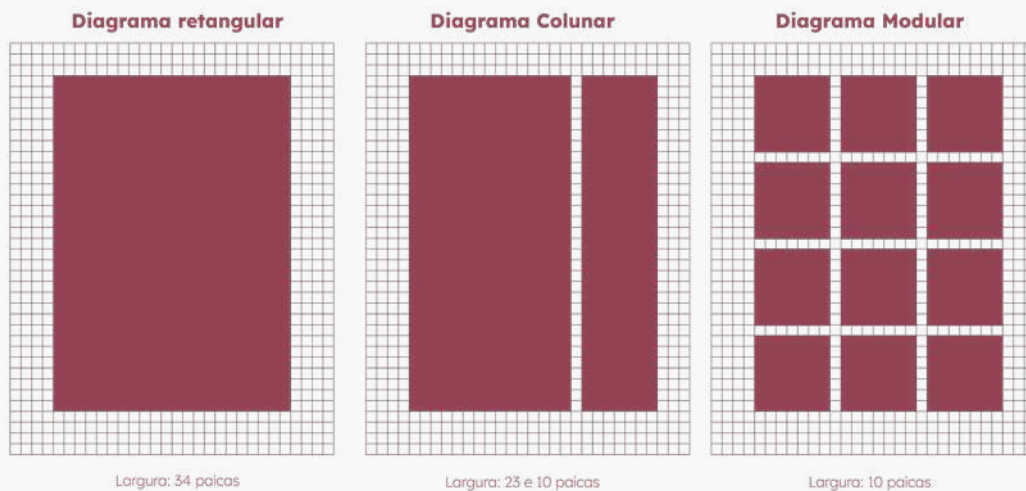
Fonte: adaptado de Bringhurst (2015)

Com isso, foram desenvolvidos 3 modelos de diagramas, um retangular e um colunar; que são voltados aos conteúdos mais técnicos da publicação, e um modular; para o conteúdo textual da história, que possui pouca quantidade de texto. Os diagramas estabelecidos têm como principal uso a aplicação textual da publicação, uma vez que se tem como objetivo inserir o texto dentro das ilustrações, fazendo com que estas não sejam aplicadas aos diagramas.

Para estabelecer o valor das margens, foram utilizados 4 módulos (25,82mm) na margem externa e inferior; pois são áreas normalmente utilizadas para segurar o livro e que precisam de mais espaço. Já para as margens superiores e internas, utilizou-se de 3 módulos (19,365 mm). Esta proporção não se aplicou apenas no diagrama retangular, para que não ficasse a sensação do conteúdo estar desalinhado a página.



**Figura 49 - Representação dos diagramas definidos**



Fonte: adaptado de Bringhurst (2015)

## 3.2 DEFINIÇÃO DE ELEMENTOS GRÁFICOS

### 3.2.1 Elementos gráficos textuais

Para definir os elementos textuais da publicação, utilizou-se como base a fonte escolhida para texto, destaques e o estilo de ilustração estabelecido. Com isso, foram desenvolvidas algumas propostas de utilização. Como foi mencionado anteriormente, o texto da história ficou com a fonte Lexend em Medium com 14 pt e para realizar alguns destaques em palavras chave do texto utilizou-se a fonte Lexend 14 pt em bold. Já para a numeração das páginas foi escolhida a fonte Hanging Tree em 23 pt e para destaques nas ilustrações foi utilizada a mesma fonte com algumas variações no tamanho.

Por fim, a fonte Lexend no peso regular em 11 pt foi utilizada nas informações mais técnicas da publicação. A **Figura 50** mostra a relação da aplicação das tipografias.



Figura 50 - Relação de uso dos elementos textuais.

Elemento	Aparência	Tipografia	Tamanho
Texto	Era uma vez	Lexend Medium	14 pt
Destaque no texto	<b>Atenção</b>	Lexend bold	14 pt
Informações mais técnicas	Este livro foi des....	Lexend Regular	11 pt
Páginação	<b>1, 2, 3, 4, 5,</b>	Hanging Tree	23 pt
Destaque das ilustrações	<b>SEJA O NOS...</b>	Hanging Tree	Δ

Fonte: desenvolvido pela autora.

## 3.2.2 Definição de elementos gráficos não-textuais

### 3.2.2.1 Ilustrações

Para dar início a construção das ilustrações a autora desenvolveu um painel de referência da estética pretendida para a publicação (**Figura 51**), no qual são abordadas tonalidades de cores, estilo de ilustração, disposição de texto, entre outros itens. Este painel contém obras, respectivamente, dos ilustradores: Liya Ampleeva, Anna Formaggio, Bruno Nunes, Maria Clara Reschke, Monge Lua, e Swan Keller.

Com isso, optou-se por trabalhar com um estilo de ilustração de mídias secas, comum em trabalhos feitos com giz, por apresentar uma estética texturizada que transmite uma sensação de acolhimento.

Após estabelecer um padrão estético para as ilustrações, foram escolhidas algumas referências de personagens conhecidos e ilustrações de inspiração para a criação dos protagonistas da história, sendo eles: Senhor Oliva, Espinheiro, Dona Vide, Seu Figueiredo e as Plantinhas. Com base nessas referências foram realizados os *sketches* iniciais de cada personagem.



Figura 51 - Painel de referência para a estética da publicação



Fonte: desenvolvido pela autora.

O personagem Senhor Oliva é uma oliveira, tendo como característica principal a sabedoria e a habilidade de produzir azeite. Para sua concepção baseou-se nos personagens Visconde de Sabugosa, o Mago Merlin e no Chapeleiro Maluco.

Figura 52 - Painel de desenvolvimento do Senhor Oliva.



Fonte: desenvolvido pela autora.



Já o Espinheiro é um personagem que inicialmente apresenta um comportamento questionável e assustador que não tem muito a se oferecer a não ser seus espinhos. Sua concepção se baseou em um dos personagens da Disney do curta “*Flowers and Tree*” e em algumas inspirações extraídas do Pinterest.

**Figura 53 - Painel de desenvolvimento do Espinheiro.**



Fonte: desenvolvido pela autora.

A personagem dona Vide tem como principais característica a alegria. Sua representação se baseou nas personagens da Disney Princesa Tiana, do filme “Princesa e o Sapo”; e Caliope, do filme “Hércules”. Além das personagens foram utilizadas algumas ilustrações do Pinterest como inspiração.

**Figura 54 - Painel de desenvolvimento da Dona Vide**



Fonte: desenvolvido pela autora.

Seu figueiredo é um personagem baseado na árvore Figueira e tem como principal característica a bondade. Para desenvolvê-lo utilizou-se como referência algumas ilustrações retiradas do Pinterest e os personagens Leôncio do desenho “Pica-pau”; e o Homem de lata , de “O Mágico de Oz”.

**Figura 55 - Painel de desenvolvimento do Seu Figueiredo.**



Fonte: desenvolvido pela autora.

Já as personagens denominadas de Plantinhas, são criaturas da floresta que agem de forma inocente se assemelhando em alguns momentos a crianças. Para desenvolvê-las baseou-se em algumas ilustrações retiradas do Pinterest.

**Figura 56 - Painel de desenvolvimento das Plantinhas**

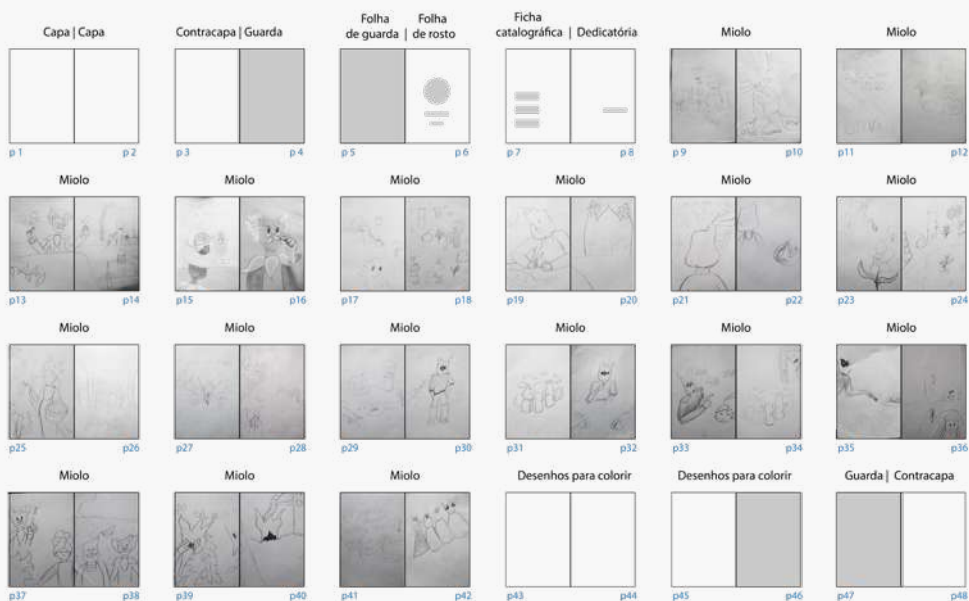


Fonte: desenvolvido pela autora.



Após desenvolver os primeiros *sketches* dos personagens iniciou o processo de desenvolvimento do *Storyboard* da publicação com a intenção de representar a narrativa da história visualmente. O *Storyboard* foi inserido ao primeiro espelho da publicação para que houvesse uma ideia do número de páginas e a distribuição do conteúdo.

**Figura 57 - Espelho de publicação com Storyboard**



Fonte: desenvolvido pela autora.

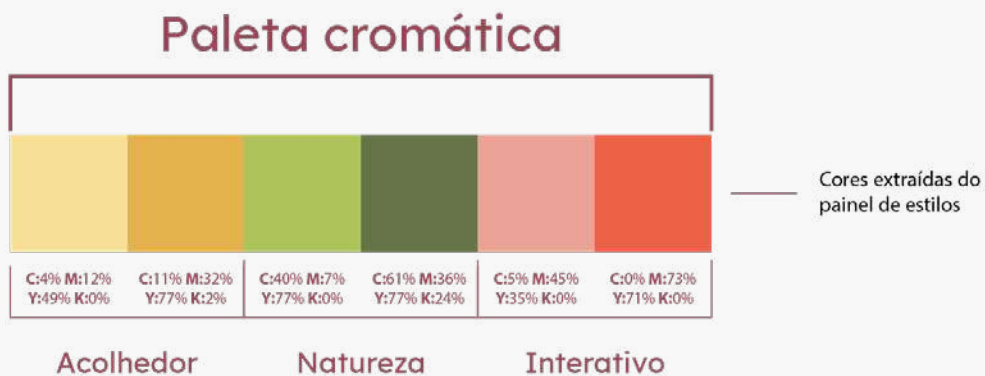
Com base no espelho da publicação optou-se por definir as cores dos personagens e cenários na etapa executiva, para se adequar ao processo criativo da autora.

### 3.2.2.2 Paleta cromática da publicação

Por se tratar de um material ilustrado existe uma grande variedade de cores presentes nas ilustrações e definir uma paleta cromática para a publicação torna-se um desafio. Por conta disso, a escolha de cores de apoio da publicação (com a aplicação em tex-

tos, páginas de apoio, entre outros) foi baseada nos requisitos projetuais, nos conceitos e no painel de estilo da publicação, buscando compor uma coerência cromática. Com isso, foi estabelecido uma paleta cromática mais neutra em que predominassem as cores amarelo, verde e vermelho, o resultado proposto pode ser visto na **Figura 58**.

**Figura 58 - Paleta cromática da publicação**



Fonte: desenvolvido pela autora.





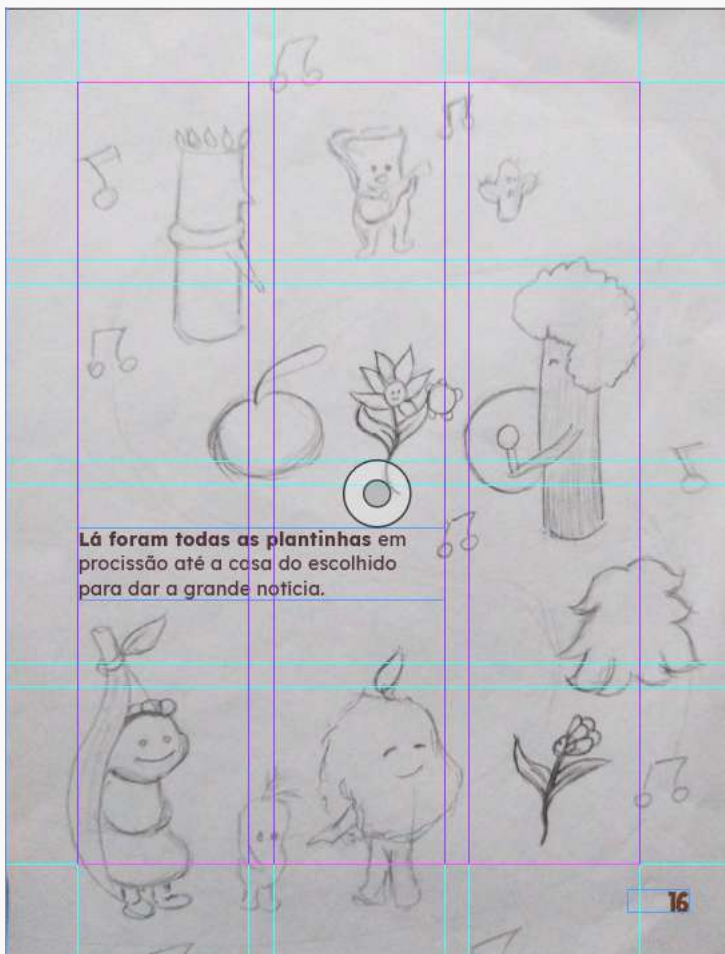
## 4. FASE EXECUTIVA

### 4.1 DIAGRAMAÇÃO

A etapa de diagramação dá início a fase executiva e consiste na distribuição do conteúdo textual nas páginas do espelho, seguindo as definições estabelecidas na etapa criativa e as orientações gráfico-editoriais estabelecidas para o público-alvo.

Por se tratar de um livro ilustrado, a diagramação do texto foi realizada sob o *storyboard*, delimitando o espaço destinado aos textos antes de dar continuidade ao processo de ilustração para que houvesse uma boa legibilidade, como mostra a **Figura 59**.

**Figura 59 - Processo de diagramação sob *Storyboard*.**

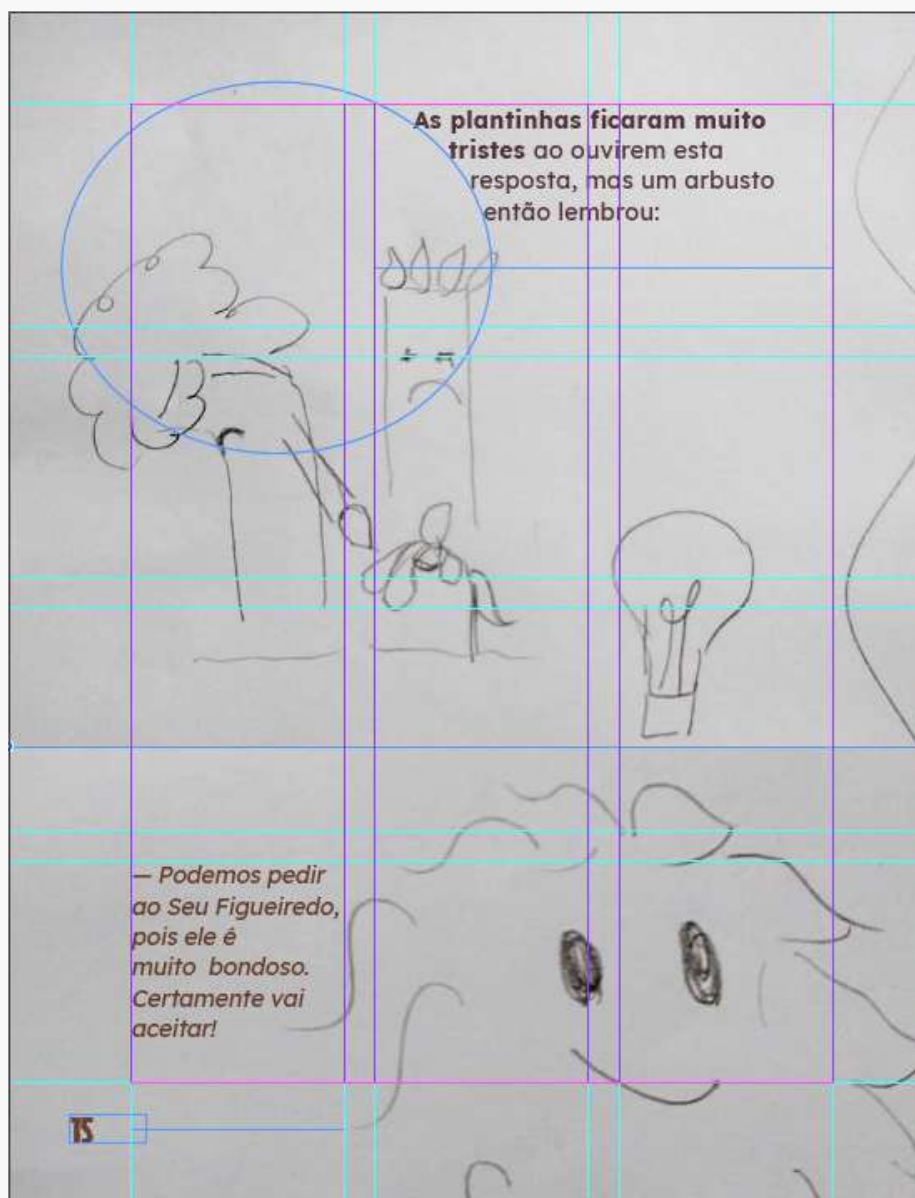


Fonte: desenvolvido pela autora.



Utilizou-se o alinhamento a esquerda em toda a publicação, ajustando o comprimento de linhas para que houvesse uma variação evidente entre elas, o que facilita o processo de leitura das crianças. Além do alinhamento a esquerda, utilizou-se o recurso quebra de texto com contorno de objeto, em que o texto contorna o formato de um objeto, o que causa uma interação maior com a imagem.

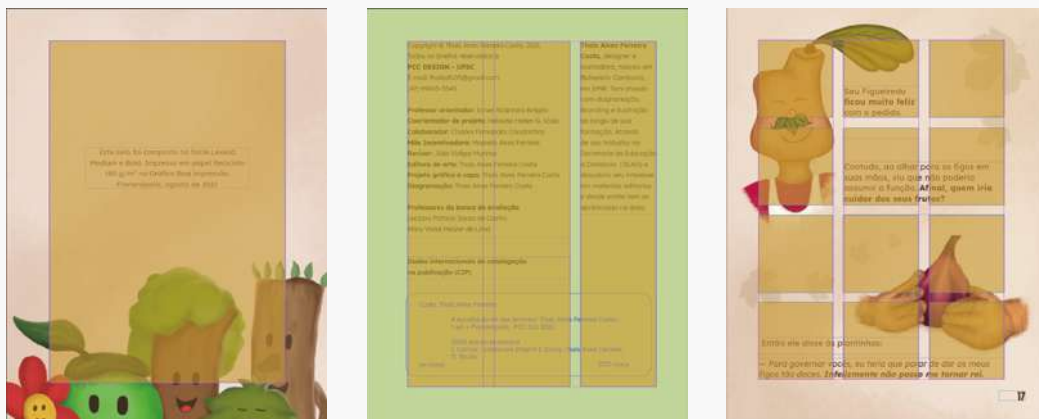
**Figura 60 - Aplicação do recurso contorno de objeto.**



Fonte: desenvolvido pela autora.

Para representar a fala dos personagens utilizou-se uma inclinação de 10° na tipografia, pois esta não apresenta a variação Itálico. Além deste ajuste, foi utilizada a variação Bold ao longo da publicação para destacar algumas palavras e frases da história.

**Figura 61 - Aplicação dos diagramas no processo de diagramação.**



Fonte: desenvolvido pela autora.

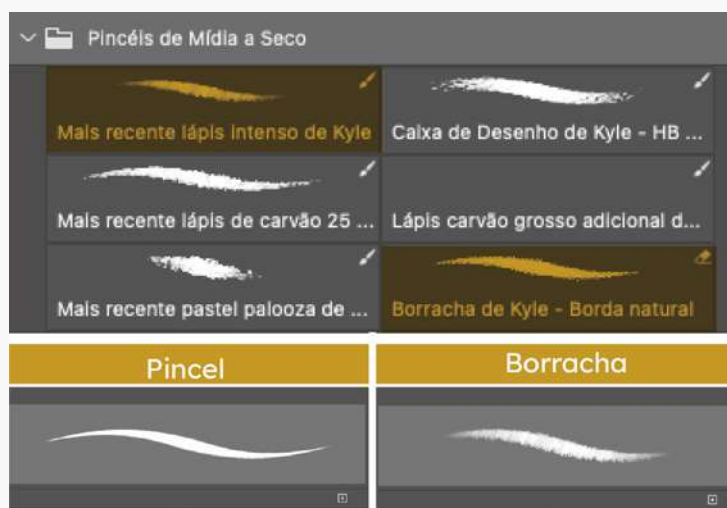
Durante o processo de diagramação utilizou-se os diagramas desenvolvidos na Etapa Criativa. Nos quais o retangular e o colunar foram utilizados para informações técnicas da publicação, enquanto o modular foi utilizado para a composição da história.



## 4.2 PROCESSO DE ILUSTRAÇÃO

Após desenvolver os *sketches* manuais para o *storyboard*, estes foram digitalizados e passados para o *Photoshop*, onde se iniciou o processo de ilustração digital. Para criar a estética definida no painel de estilos foi utilizado apenas um pincel com características de mídia seca e uma variação para borracha, criando um resultado texturizado na ilustração. Ambos foram desenvolvidos pelo ilustrador americano Kyle T. Webster e são encontrados entre as opções de pincéis do *Photoshop*.

**Figura 62 - Pincéis utilizados no desenvolvimento das ilustrações**

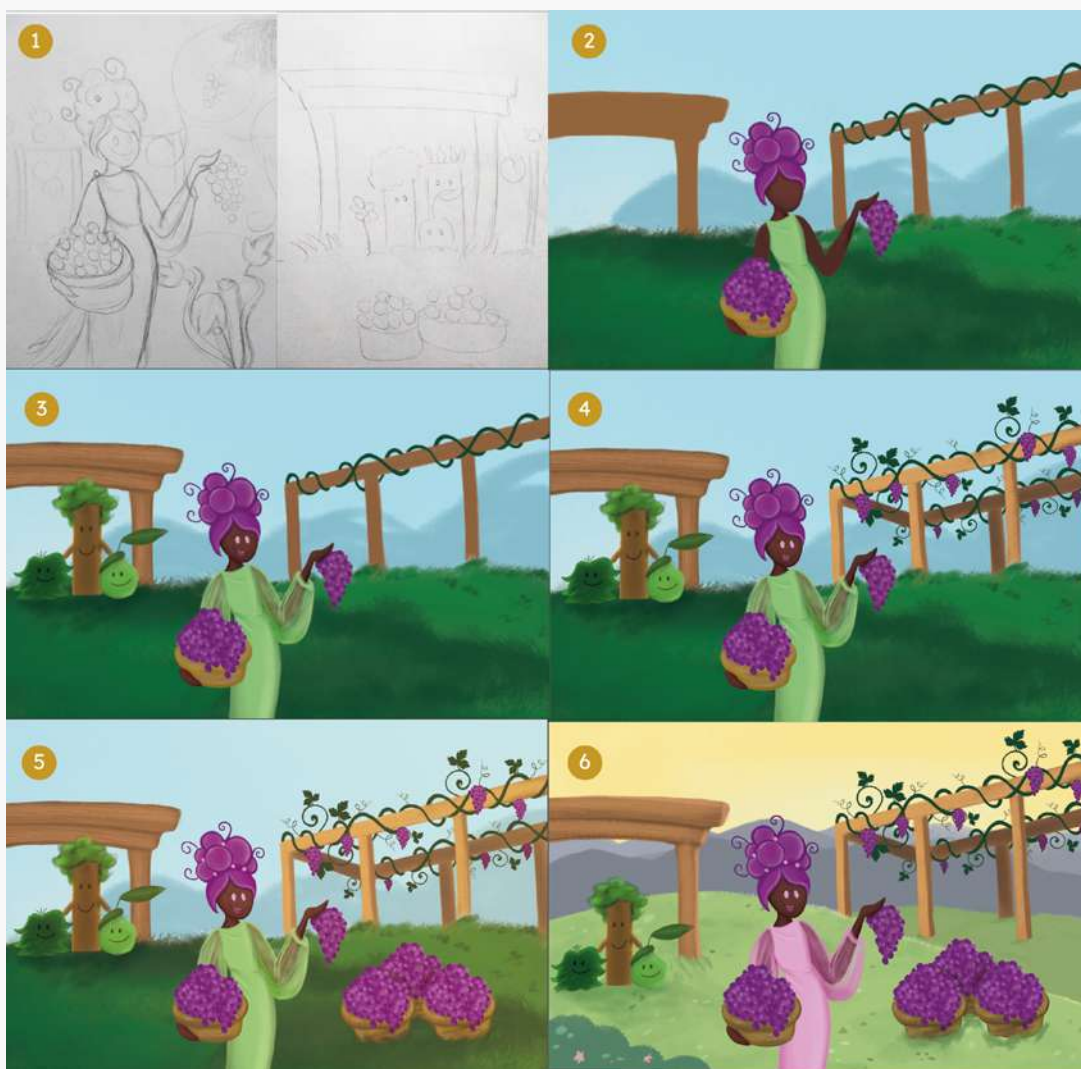


Fonte: desenvolvido pela autora.

O processo de ilustração seguiu a seguinte ordem:

- 1 - Iniciando com o *Sketche* manual da página;
- 2 - Aplicação de cores bases dos elementos dos personagens e cenário;
- 3 e 4 - Elaboração de alguns detalhes e aplicação de luz e sombra;
- 5- Finalização da página com pequenos ajustes;
- 6 – Por fim, realizou-se um processo de ajustes em todas as ilustrações para torná-las mais coerentes, alterando a cor e posicionamento em alguns elementos como por exemplo a grama e céu.

Figura 63 - Processo de desenvolvimento das ilustrações



Fonte: desenvolvido pela autora.

Durante este processo de ajuste, alguns personagens foram sendo refinados e simplificados para melhor se adequar a proposta, como por exemplo a mudança de cor do vestido da personagem verde para obter um melhor contraste com a nova tonalidade de verde da grama. A **Figura 64** mostra o resultado final dos personagens após as mudanças e suas cores predominantes.



Figura 64 - Resultado dos personagens após ajustes



Fonte: desenvolvido pela autora.

### 4.3 TESTE DE IMPRESSÃO

Após concluir o processo de ilustração de algumas páginas foi realizado um teste de impressão com quatro tipos de papéis diferentes para ver como as cores da ilustração se comportariam em cada modelo e assim definir o papel da publicação.

Foram escolhidos os papéis Pólen, Reciclato, Offset e Couchê fosco, todos com 180 g/m<sup>2</sup>, por serem os mais utilizados no meio editorial, apresentarem características

condizentes com a estética pretendida para a publicação e possuem uma boa aderência ao uso de lápis de cores, pois haverá páginas para colorir ao fim da história. O resultado dos testes pode ser visto na **Figura 65**.

**Figura 65 - Teste de impressão com diferentes tipos de papeis**



Fonte: desenvolvido pela autora.

A partir do teste de impressão foi escolhido o papel Reciclato para a publicação, por apresentar características que remetem a temática da história e estar condizente com os conceitos propostos para o projeto. O uso deste papel neste projeto agrega valores relevantes de forma subjetivas e se torna um iniciativa ao seu uso em publicações com temáticas distintas, não apenas de cunho sustentável.

#### 4.4 FOLHAS PARA COLORIR E QR CODE

Após finalizar o processo de ilustração de toda a publicação e definir o papel de impressão foram feitas escolhidas algumas ilustrações para se tornarem desenhos para colorir que foram incorporados ao fim da história. Esta decisão foi tomada para que a criança pudesse ter uma interação maior com a história e gravava-la mais facilmente na memória. Também foi incluído um QR code na última ilustração, em que é possível baixar os



arquivos das ilustrações para colorir. Este último recurso foi implementado para permitir a utilização da publicação na contação de histórias dos ministérios infantis em que normalmente se tem uma atividade para colorir, dessa forma o voluntário responsável pode ter acesso as ilustrações e imprimir para o número de crianças disponível.

**Figura 66 - Duas das ilustrações para colorir que foram incorporadas.**



Fonte: desenvolvido pela autora.

## 4.5 ARABESCOS E PADRONAGEM

Além das ilustrações, foram desenvolvidos alguns grafismos para compor a identidade visual da publicação com base em arabescos extraídos dos materiais históricos levantados na Fase Analítica, sendo esta uma forma de incorporar na publicação o valor histórico que a temática possui. Além dos arabescos, também foram feitas representações das folhas das árvores Videira, Oliveira e Figueira para agregar na identidade do livro.



**Figura 67 - Grafismos desenvolvidos**

### Arabescos extraídos



### Folhas das árvores



Oliveira



Videira



Figueira

Fonte: desenvolvido pela autora.

A partir dos grafismos de folhas das árvores foi desenvolvida uma padronagem que fora incorporada nas guardas da publicação. O processo de construção da padronagem pode ser visto na **Figura 68**, na qual o número 1 representa o início da construção, o 2 alguns ajustes que foram feitos e o 3 a proposta final que fora implementada.

**Figura 68 - Processo de construção da padronagem**



Fonte: desenvolvido pela autora.

## 4.6 TÍTULO E CAPA

Em seguida iniciou-se o processo de construção do título e da capa da publicação. Começaram a ser feitos alguns estudos para a arte do título, utilizando-se das duas tipografias presentes na publicação, Lexend e Hanging, e alguns dos arabescos desenvolvidos.



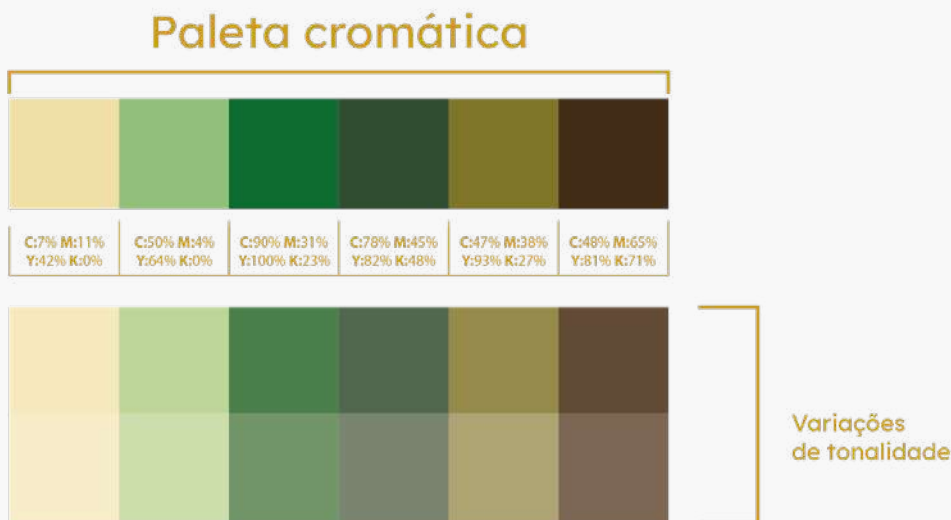
Figura 69 - Processo de construção da arte do título



Fonte: desenvolvido pela autora.

Após definir a estrutura gráfica do título foram feitos alguns testes com cores utilizando a paleta cromática estabelecida para a publicação. No entanto, notou-se a necessidade de um ajuste de cores para se adequar melhor as tonalidades utilizadas nas ilustrações. Com isso a proposta final da paleta cromática foi composta tons de amarelo, marrom e verde, buscando reforçar as cores centrais das ilustrações (verde e marrom) sem sobrepô-las.

Figura 70 - Paleta cromática final da publicação



Fonte: desenvolvido pela autora.

Por fim, aplicou-se as novas cores da paleta cromática na estrutura desenvolvida para o título, resultando na proposta final que fora utilizada na publicação (**Figura 71**).

**Figura 71 - Proposta final do título com aplicação das cores**



Fonte: desenvolvido pela autora.

Dando continuidade a construção da capa, foram desenvolvidas duas propostas: uma com a representação de uma árvore e outra com a aplicação de alguns dos personagens. Após algumas conversas com o professor orientador, optou-se por utilizar a proposta com os personagens pois este elemento chama mais a atenção do público-alvo. Para realizar o fechamento do arquivo, a empresa de encadernação contratada passou um gabarito para a capa, a qual precisou ser ajustada para se adequar.



Figura 72 - Desenvolvimento da capa.

Proposta 1



Proposta 2



Gabarito para encadernação



Resultado final para o gabarito



Fonte: desenvolvido pela autora.

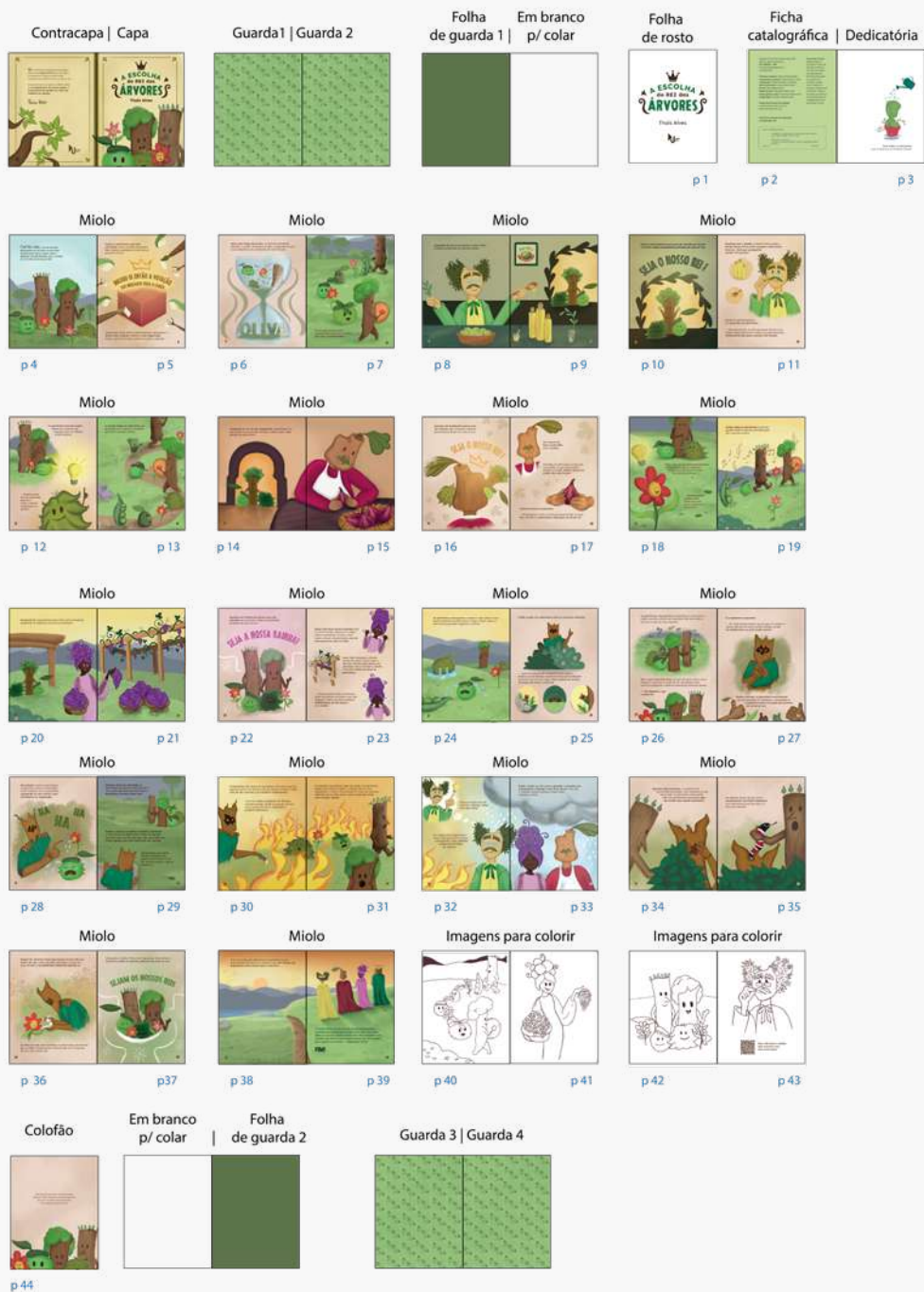
## 4.7 DEFINIÇÃO DE ACABAMENTOS

O processo de encadernação escolhido foi a capa dura com lombada quadrada e desenvolvido através da costura por cadernos, ao todo foram 3 cadernos de 12 páginas e 1 de 8 páginas. Essa encadernação foi escolhida por apresentar maior resistência e durabilidade, já que a público é destinada a criança e terá um grande manuseio.

A escolha de encadernação capa dura influenciou na quantidade páginas final da publicação e conseqüentemente no espelho da mesma, resultando num total de 44 páginas, sem contar as guardas e capa.



Figura 73 - Espelho final da publicação.



Fonte: desenvolvido pela autora.



## 4.8 PROTÓTIPO

Após a finalização de todas as etapas, foi realizada a impressão de um exemplar da publicação, para visualizar o resultado obtido. A seguir serão apresentadas algumas imagens da publicação aplicadas em *mock-ups*, que são representações digitais do produto.

**Figura 74 - Mock-ups da publicação 1.**



Fonte: desenvolvido pela autora.



Figura 75 - Mock-ups da publicação 2.



Fonte: desenvolvido pela autora.



## 4.9 ESPECIFICAÇÃO TÉCNICA

As especificações técnicas da publicação “A escolha do Rei das árvores” levaram em conta aspectos que valorizassem a composição e proporcionassem resistência ao produto final,

### **Capa e contracapa:**

Formato aberto: 404,99 mm x 251,67 mm (com lombada)

Formato Fechado: 193,50 mm x 251,67,34mm

Lombada: 6 mm

Cores: CMYK 4/4

Papel: Reciclato 150 g/m<sup>2</sup>

Impressão: Laser

**Encadernação: Capa dura com lombada quadrada**

### **Miolo:**

Número de páginas: 44

Formato aberto: 404,99 mm x 251,67 mm

Formato fechado: 193,50 mm x 251,67,34mm

Cores: CMYK 4/4

Papel: Reciclato 180 g/m<sup>2</sup>

Impressão: Laser







## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de desenvolvimento deste trabalho foram encontradas inúmeras informações e elementos visuais históricos que mostram a evolução da literatura bíblica infantil ao longo dos séculos. Através das pesquisas e análises realizadas durante o projeto, observou-se uma evolução da importância das crianças no meio social, deixando gradativamente o posto de “pequenos adultos” para assumirem o papel visto na sociedade atual. Em contrapartida, dentro do ambiente cristão, notou-se um grande zelo no cuidado das crianças nos tempos antigos, o qual persevera até os dias atuais.

Esta distinção no tratamento infantil ao longo da história se dá, pois, na concepção cristã, as crianças são vistas como uma herança divina. Sendo assim, é dado aos pais a responsabilidade de ensinar os filhos, auxiliando no desenvolvimento do seu caráter, tanto para o ambiente social quanto para o âmbito cristão. Neste sentido, observando tais características durante as pesquisas, percebeu-se a relevância dos livros bíblicos infantis ao longo da história por se tratar de uma importante ferramenta para o ensino das crianças.

Uma das dificuldades do processo ocorreu durante a fase de pesquisas pois notou-se uma falta de materiais que relatassem a evolução da literatura bíblica no geral, abrangendo até mesmo o contexto infantil. Com isto, a pesquisa precisou ser feita em fontes mais abrangente, sendo muitas das informações obtidas através da análise de documentos históricos presentes no acervo online de museus e bibliotecas, como o Museu de Israel e a Biblioteca Digital Mundial, além de teses e trabalhos de conclusão de curso.

Como resultado, além da elaboração do livro em si, foi possível explorar a sintetização textual de uma história bíblica, adaptando-a para uma melhor compreensão por parte das crianças. Este foi um exercício muito importante para o êxito do projeto tendo em vista que, para algumas pessoas, a compreensão de certos textos bíblicos é difícil pois possui um linguajar que remonta mais de 1600 anos na história.

Como sugestão para projetos futuros, valorizando a riqueza histórica e cultural da Bíblia, considerasse interessante a exploração de outros textos bíblicos para a construção de mais materiais voltados ao ensino infantil, tanto para leitura de pais para filhos quanto para ensino em igrejas. Além disso, novos estilos de ilustração e diagramação também podem ser testados visando um melhor engajamento e aprendizado por parte do público.

Por fim, levando em conta a dificuldade de encontrar referências para o desenvolvimento deste trabalho, sugerem-se mais pesquisas voltadas ao ensino da temática bíblica para crianças e adultos.



## REFERÊNCIAS

ANDIÑACH, P. **Introducción hermenéutica al Antiguo Testamento**. Estella: Verbo Divino, 2012.

BELLOTTI, Karina Kosicki. **Delas é o Reino dos Céus: mídia evangélica infantil e o supermercado cultural religioso no Brasil (Anos 1950 A 2000)**. 2009, Campinas, SP. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/24657>>. Acesso em abril de 2021.

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. **Fábulas Seleccionadas Para Crianças**. 18 de setembro de 2015. Disponível em:<<https://www.wdl.org/pt/item/355/#q=Jean+La+Fontaine>>. Acesso em abril de 2021

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. **Contos de fadas de épocas antigas**. 8 de janeiro de 2018. Disponível em:< <https://www.wdl.org/pt/item/14773/#q=Contes+du+temps+pass%C3%A9>>. Acesso em abril de 2021

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. **Livro das horas**. 17 de outubro de 2017. Disponível em:< <https://www.wdl.org/pt/item/354/#q=Livro+das+Horas>>. Acesso em abril de 2021

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. Curiosa Bíblia hieroglífica, ou Passagens selecionadas do Antigo e do Novo Testamento. 16 de março de 2017. Disponível em:< <https://www.wdl.org/pt/item/19331/#q=Curiosa+B%C3%ADblia+hierogl%C3%A9fica>>. Acesso em abril de 2021

BOOCKS, Rice. **Deus não está morto: provas da existência e da ação de Deus em um mundo de descrentes**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2014.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**: versão 4.0. 3 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.



CASTRO, Luciano de; PERASSI, Richard. **Estruturação de projetos gráficos: A tipografia como base do planejamento**. Curitiba: Editora Appris, 2018.

CASTRO, L. P. S.; SOUZA, R. P. L.; **A Tipografia como Base do Projeto Gráfico-Editorial**, 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/341296532/A-Tipografia-Como-Base-Do-Projeto-Grafico-Editorial>> . Acesso em 20 de maio de 2021.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria e análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982.

COUTINHO, Solange Galvão; SILVA, José Fábio Luna. **Linguagem Visual em livros didáticos infantis**. 15º Encontro Nacional da ANPAP. Anais do 15º Encontro Nacional. Arte: limites e contaminações. Salvador, 2006.

COSTA, Jorge Alberto Paiva da. **O design da ilustração no livro ilustrado brasileiro contemporâneo**. 2012. f.160-163. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2012.

CUNHA, Eliete Aparecida de Paula. **Ruptura e renovação no conto de fadas brasileiro: Emília, Clara Luz e leitor em parceria**. 2014. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

FARINA, Modesto. PEREZ, Clotilde. BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. Ed. Edgard Blusher, 2006

FAVRETTO, Angélica. **Mercado de livros religiosos mantém público fiel mesmo com recessão econômica**. Gazeta do povo. 12 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.semprefamilia.com.br/religiao/mercado-de-livros-religiosos-mantem-publico-fiel-mesmo-com-recessao-economica/>>. Acesso em fevereiro de 2021.

FEE, Gordon D. **Entendes o que lê?: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica**. São Paulo: Vida nova, 2011.

FERLAUTO, Cláudio. **A fôrma e a forma: as palavras e as imagens do design**. Coleção Textos Design. São Paulo: Rosari, 2004.



FREIBERGER, Rita de Cássia C. **A literatura infantil como aliada ao desenvolvimento da Pedagogia de projetos interdisciplinares**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia/Licenciatura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010

FUENTES, Rodolfo. **A Prática do Design Gráfico: Uma metodologia criativa**. São Paulo: Edições Rosari, 2006.

GONÇALVES, Berenice Santos. **Cor aplicada ao design gráfico: um modelo de Núcleo virtual para aprendizagem baseado na Resolução de problemas**. 2004. Tese (Doutorado)- Programa de pós-graduação em Engenharia de produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2004.

GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo**. São Paulo: Annablume, 2003.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil 2020 5ª ed**. 2020. Disponível em:< [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura-\\_IPL\\_dez2020-compactado.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IPL_dez2020-compactado.pdf)>. Acesso em fevereiro de 2021.

JORGE TEIXEIRA, Deglaucy. **Narrativa digital interativa infantil: Concepção de um modelo de design para book app**. 2019. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Design, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jos. Olympio, 1963.

LINDEN, Sophie Van Der. **Para ler o livro ilustrado**. 1. ed. Cosac & Naify, 2011.

LINS, Guto. **Livro Infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade**. São Paulo: Rosari: 2002.

LINS, Guto. **Livro infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade**. São Paulo: Editora Rosari, 2004



LOURENÇO, Daniel Alves. **Tipografia para livro de literatura infantil: desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers**. Dissertação (Mestrado em Design), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

LUZA, Nilo. **Livro dos Juízes**. Paulus, 06 de novembro de 2019. Disponível em:< <https://www.paulus.com.br/portal/9-livro-dos-juizes/#.YTAoXdNKhpQ>. Acesso em abril de 2021.

MATOS, Alderi S. de. **Escola Bíblica Dominical**, História e Importância. Igreja Presbiteriana de Pinheiros, 14 de dezembro de 2019. Disponível em:<<https://www.ippinheiros.org.br/blog/escola-biblica-dominical-historia-e-importancia/>>. Acesso em maio de 2021.

MEÜRER, Mary Vonni. Seleção Tipográfica no Contexto do Design Editorial: um modelo de apoio à tomada de decisão. 2017. 222 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Design, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MEC (Ministério da Educação) e Secretaria da Educação Básica. Acervos complementares: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento. Brasília: A Secretaria, 2012.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. São Paulo: 1981. M. Fontes, 1981.

MUSEU DE ISRAEL. **Beauty and the Book**. 2005. Disponível em:<<https://museum.imj.org.il/eng/exhibitions/2005/40/book/index.html>>. Acesso em junho de 2021

MUSEU DE ISRAEL. **The Birds' Head Haggadah**. Disponível em:<<https://www.imj.org.il/en/collections/199815>>. Acesso em junho de 2021

NECYK, Bárbara Jane. **Texto e imagem: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Design do Departamento de Artes & Design, Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, Mailde Pinto Brandão de. **A literatura bíblica como proposta didático-pedagógica na construção da personalidade infantil**. 2011. 63f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011



O'SULLIVAN, Emmer. **Historical Dictionary of Children's Literature**. 2010, United States of America. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/414123214/Historical-Dictionary-of-Children-s-Literature-pdf>>. Acesso em maio de 2021.

SAMARA, T. **Grid: construção e desconstrução**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SALISBURY, Martin; Styles, Morag. **Children's Picturebooks, The Art of Visual Storytelling**. London: Laurence King Publishing Ltd. 2012. Disponível em: < [https://archive.org/details/Childrens\\_Picturebooks\\_The\\_Art\\_of\\_Visual\\_Storytelling\\_by\\_Martin\\_Salisbury\\_Morag\\_/page/n9/mode/2up](https://archive.org/details/Childrens_Picturebooks_The_Art_of_Visual_Storytelling_by_Martin_Salisbury_Morag_/page/n9/mode/2up)>. Acesso em maio de 2021

SILVA, Fernanda Ozilak Nunes da. **Desenvolvimento de projeto gráfico para o livro infantil “A Arca de Noé” de Vinicius de Moraes**. Trabalho de conclusão de curso - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Curso de Design, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010

SILVA, Giselle Toledo da; RISSO, Luciana. **“Conta outra vez!”: Literatura infantil na escola**. 2012. Monografia, Curso de Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais: Perspectivas Contemporâneas, Centro Universitário Filadélfia, Londrina, 2012.

SILVA, M.C. **Literatura infantil brasileira: conceitos e problemas à luz dos estudos de Leonardo Arroyo e Cecília Meireles**. In: SILVA, M.C., and BER-TOLETTI, E.N.M., orgs. **Literatura, leitura e educação** (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, pp. 51-72. Pesquisa em educação/Práticas de leitura e escrita series. ISBN 978-85-7511-497-1. Available from: doi: 10.7476/9788575114971.0003. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/5gg44/epub/silva-9788575114971.epub>

TEIXEIRA, Deglaucy Jorge. **A interatividade e a narrativa no livro digital Infantil: proposição de uma matriz de análise**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Design, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VAN LOON, Hendrik Willem. **A história da Bíblia**. Tradução de Monteiro Lobato. 1ª ed. Jandira -SP : Principis, 2020.



WALKER, Sue. **The songs the letters sing: typography and children's reading. Typographic design for children.** National Centre for Language The University of Reading. 2005.

ZAPATERRA, Yolanda; CALDWELL, Cath. **Design Editorial.** São Paulo: G. Gilli, 2014.